

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

ELAINE CRISTINA PAMPLONA SEIFFERT

**A LENDA DAS AREIAS: ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA
TORNAM-SE PROTAGONISTAS ATRAVÉS DO TEATRO DE SOMBRAS**

FLORIANÓPOLIS

2016

ELAINE CRISTINA PAMPLONA SEIFFERT

**A LENDA DAS AREIAS: ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA
TORNAM-SE PROTAGONISTAS ATRAVÉS DO TEATRO DE SOMBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH – da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^ª. Ana Paula G. Boscatti

FLORIANÓPOLIS

2016

ELAINE CRISTINE PAMPLONA SEIFFERT

**A LENDA DAS AREIAS: ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA TORNAM-SE
PROTAGONISTAS ATRAVÉS DO TEATRO DE SOMBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

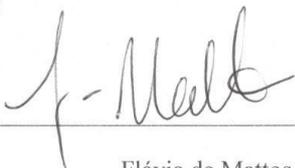
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

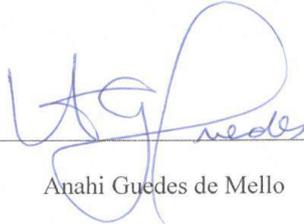
Banca Examinadora:



Flávia de Mattos Motta



Ana Paula Garcia Boscatti



Anahi Guedes de Mello

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Seiffert, Elaine Cristina Pamplona

A lenda das areias : Estudantes com deficiência tornam-se protagonistas através do teatro de sombras / Elaine Cristina Pamplona Seiffert ; orientador, Ana Paula Garcia Boscatti - Florianópolis, SC, 2016.

71 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Diversidade. 3. Deficiências. 4. Teatro . 5. Inclusão. 6. Educação. I. Boscatti, Ana Paula Garcia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

A lenda das areias.

Vindo desde as suas origens nas distantes montanhas e após passar por inúmeros acidentes de terrenos nas regiões campestres, um rio finalmente alcançou as areias do deserto. E do mesmo modo como vencera as outras barreiras o rio tentou atravessar esta de agora, mas se deu conta de que mal suas águas tocavam a areia nela desapareciam.

Estava convicto, no entanto, de que fazia parte de seu destino cruzar aquele deserto, embora não conseguisse fazê-lo. Então uma voz misteriosa, saída do próprio deserto arenoso, sussurrou:

- O vento cruza o deserto, o mesmo pode fazer o rio.

O rio objetou estar se arremessando contra as areias, sendo assim absorvido, enquanto o vento podia voar, conseguindo dessa maneira atravessar o deserto.

- Arrojando-se com violência como vem fazendo não conseguirá cruzá-lo. Assim desaparecerá ou se transformará num pântano. Deve permitir que o vento o conduza a seu destino.

- Mas como isso pode acontecer?

- Consentindo em ser absorvido pelo vento,

Tal sugestão não era aceitável para o rio. Afinal de contas, ele nunca fora absorvido até então. Não desejava perder a sua individualidade. Uma vez a tendo perdido, como se poderá saber se a recuperaria mais tarde?

- O vento desempenha essa função – disseram as areias. – Eleva a água, a conduz por sobre o deserto e depois a deixa cair. Caindo na forma de chuva, a água novamente se converte num rio.

- Como é que posso saber que isto é verdade?

- Pois assim é, e se não acredita não se tornará outra coisa senão um pântano, e ainda isto levaria muitos e muitos anos; e um pântano não é certamente a mesma coisa que um rio.

- Mas não posso continuar sendo o mesmo rio que sou agora?

- Você não pode, em caso algum, permanecer assim – retrucou a voz. – Sua parte essencial é transportada e forma um rio novamente. Você é chamado assim ainda hoje por não saber qual é a sua parte essencial.

Ao ouvir tais palavras, certos ecos começaram a ressoar nos pensamentos mais profundos do rio. Recordou vagamente um estágio em que ele, ou uma parte dele, não sabia qual, fora transportada nos braços do vento. Também se lembrou, ou lhe pareceu assim, de que era isso o que devia fazer, conquanto não fosse coisa mais natural.

Então o rio elevou seus vapores nos acolhedores braços do vento, que suave e facilmente o conduziu para o alto e para bem longe, deixando-o cair suavemente tão logo tinham alcançado o topo de uma montanha, milhas e milhas mais longe. E porque tivera suas dúvidas o rio pôde recordar e gravar com mais firmeza em sua mente os detalhes daquela sua experiência. E ponderou:

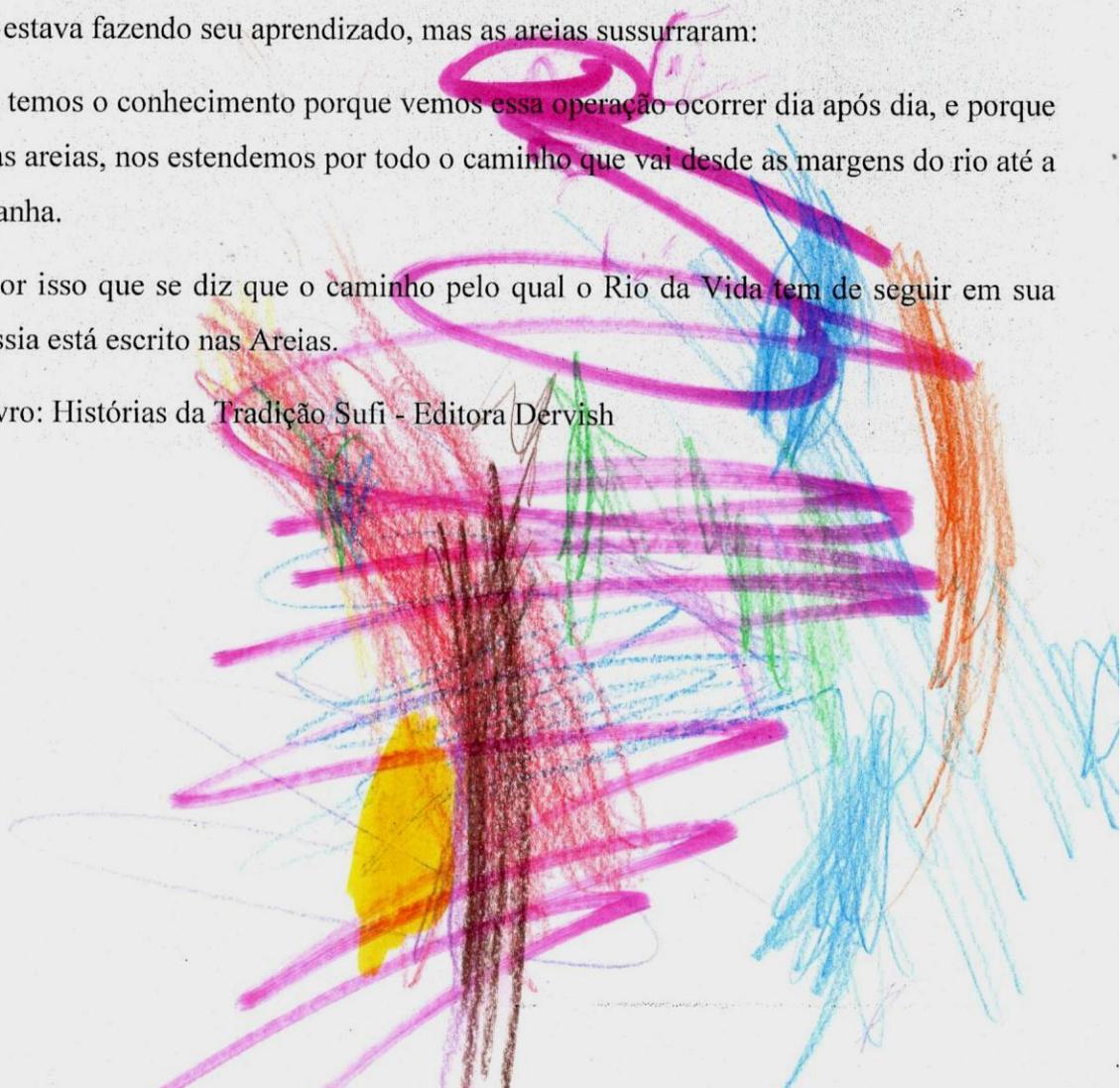
- Sim, agora conheço a minha verdadeira identidade.

O rio estava fazendo seu aprendizado, mas as areias sussurraram:

- Nós temos o conhecimento porque vemos essa operação ocorrer dia após dia, e porque nós, as areias, nos estendemos por todo o caminho que vai desde as margens do rio até a montanha.

E é por isso que se diz que o caminho pelo qual o Rio da Vida tem de seguir em sua travessia está escrito nas Areias.

Do livro: Histórias da Tradição Sufi - Editora Dervish





Agradecimentos

Este trabalho foi realizado por muitas mãos que juntas desfizeram o véu do preconceito e teceram a cortina de possibilidades, dentre as quais, a possibilidade de realização, de superação e de encantamento.

Meu agradecimento especial à professora Julia Lacerda que abriu um sorriso diante da proposta deste trabalho e doou seu conhecimento em artes cênicas, sua criatividade e sua alegria durante os ensaios.

Às auxiliares dos/as estudantes com deficiência: Bianca de Sá Teixeira Silvano, Eliane Teixeira Costa, Fabiana Aparecida A. Vieira, Graziela Souza Mendes, Luciane Rasia e Raquel Lehmkuhl que contribuíram com suas ideias e sorrisos, fazendo com que os momentos em que estávamos todos juntos fossem tão especiais.

Ao Intérprete de Libras Mike Silva de Oliveira que além de interpretar para Copo de leite, também foi responsável pelas filmagens e contribuiu com muitas ideias para que nossa peça de teatro tivesse o resultado final esperado.

Ao diretor Aldonei Machado por acreditar no trabalho e dar todo o apoio necessário para a realização do mesmo.

À orientadora Ana Paula G. Boscatti pelas preciosas dicas e orientações.

A cada um dos/as estudantes participantes, flores que perfumam e encantam o meu jardim diariamente.

Dedico este trabalho ao meu filho Gabriel Pamplona Seiffert, minha fonte de inspiração para trabalhar em prol de um mundo melhor.

“Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.”

(Rubem Alves).

Resumo

O ambiente escolar é bastante heterogêneo, uma vez que abriga indivíduos de diferentes, classes sociais, raças, etnias, identidades e expressões de gênero, dificuldades cognitivas, genialidades, tabus, religiões, crenças, expectativas e visões de mundo. Neste contexto os/as estudantes com deficiência tendem a ficar invisibilizados/as, graças às barreiras sociais que lhe são impostas, dentre as quais a barreira atitudinal tem grande destaque, expressando-se na forma de discriminação e descrença em sua capacidade de autonomia e em sua capacidade de realização. O trabalho aqui proposto surge com o objetivo de dar visibilidade aos estudantes com deficiência da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, tornando-os protagonistas no processo de construção e apresentação de um teatro de sombras. Serão analisados os desafios e aprendizados durante todo o percurso traçado para esta atividade. Pretende-se realizar este trabalho de maneira interdisciplinar envolvendo a professora de Artes Cênicas e a professora de Ciências da unidade educativa. Acredita-se que após a apresentação do teatro de sombras algumas barreiras sociais, especialmente as barreiras atitudinais possam ser quebradas. Desta maneira, este trabalho poderá ser considerado como um primeiro passo de muitos no caminho rumo à escola inclusiva.

Palavras chave: Deficiências. Teatro. Inclusão. Educação.

Abstract

The school environment is very heterogeneous, since it covers individuals of different social classes, races, ethnicities, gender identities and expressions, cognitive difficulties, genialities, taboos, religions, beliefs, expectancies and world views. In this context the students with disabilities tend to be unseen, thanks to the social barriers that are imposed to them, between which the attitude barrier stands out, expressing itself in the shape of discrimination and disbelief in the capacity of autonomy and realization of such students. The Work here proposed comes with the objective of giving visibility to the students with disabilities of the Municipal Elementary School João Gonçalves Pinheiro, making them protagonists in the process of construction and presentation of a shadow theater. The challenges and learnings during the course of the activity will be analyzed. It is intended to do this work in an interdisciplinary way involving the Art teacher and Science teacher of the educative unit. It is believed that after the presentation of the shadow theater some social barriers, especially the attitude barriers can be broken. This way, this work will be considered a first step of many in the way to the inclusive school.

Key words: Disabilities. Theater. Inclusion. Education.

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - PERSPECTIVA TEÓRICA DA INCLUSÃO.....	20
CAPÍTULO 2 – A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	27
2.1 - PARTICIPANTES DO ESTUDO	29
2.2 - CENÁRIO DO ESTUDO.....	31
2.3 - OS ENCONTROS – ALGUNS CONTRATEMPOS.....	34
2.4 - O ENCONTRO DEFINITIVO	39
CAPÍTULO 3 – A ESTRÉIA	44
3.1 - O GRANDE DIA: APRESENTAÇÃO NO XI ECOFESTIVAL.....	44
3.2 - APRESENTAÇÃO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS:.....	54

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1 – Distribuição dos alunos/as com deficiência de acordo com os anos.	32
Figura 1 - Distribuição de gênero - anos iniciais (1º ao 5º ano).....	32
Figura 2 - Distribuição de gênero anos finais (6º ao 9º ano).....	33
Figura 3- Segundo encontro: testando as silhuetas.	35
Figura 4 - Segundo encontro: criando personagens com as mãos (a).	35
Figura 5 - Segundo encontro: criando personagens com as mãos (b).	36
Figura 6 - A montanha nascendo.....	37
Figura 7 - A gotinha nascendo.	37
Figura 8 - O vento nascendo.	38
Figura 9 – Nuvem e chuva nascendo.	38
Figura 12 - Laura e Maria confeccionando a bandeira da equipe Azul.....	49
Figura 13 - Lírio se vendo na bandeira da equipe Azul	49
Figura 14 - Apresentação das bandeiras e grito de guerra da equipe azul.....	50

INTRODUÇÃO

Enquanto educadora posso afirmar que uma das coisas mais surpreendentes além do olhar do meu/minha aluno/a é uma página em branco. Uma página em branco apresenta inúmeras possibilidades de organizar o turbilhão de ideias que povoam nossa mente. Diante dela temos o poder de enveredar por caminhos nunca trilhados antes. E eis que me encontro neste momento diante de uma página em branco com a proposta de tecer meu trabalho de conclusão do Curso de especialização em Gênero e Diversidade na escola. A partir do momento em que começo a escrever, a página em branco se modifica, mas eu também não sou mais a mesma. Aos poucos as ideias vão clareando e eu vou delineando os passos seguintes de um projeto grandioso que tem como objetivo mudar o foco dos olhares dos meus/minhas alunos/as. É incrível deixar sobre a mesa dos/as alunos/as uma folha em branco e lápis de cor. Eles/as imediatamente começam a rabiscar coisas lindas ou nem tanto, às vezes inseguros/as a cada rabisco questionam se está certo. Precisam de um olhar de aprovação, alheios/as de que estão fazendo arte, criando, pensando e modificando o papel e a vida deles/as mesmos/as.

Rabiscar o papel parece uma tarefa muito simples de ser realizada, assim como estar e vivenciar as relações que se estabelecem na sala de aula. Mas ao olharmos com mais cuidado é possível perceber que esta afirmação não é verdadeira para os/as estudantes com deficiência. Aqueles/as que ficam à margem no ambiente escolar, tornando-se muitas vezes invisíveis diante de tantas barreiras que lhe são impostas. Tratam-se das barreiras sociais, as quais são frequentes em uma sociedade que valoriza a limitação retirando da pessoa com deficiência o acesso às oportunidades que lhe são de direito e promovendo a exclusão. Desta forma esta pessoa deixa de ter acesso aos direitos mais básicos: de ir e vir, de estudar, direito ao lazer, ao trabalho. As barreiras sociais foram descritas por Gesser; Nuernberg (2015) da seguinte maneira: arquitetônicas (dificultam a mobilidade e acessibilidade), comunicacionais e informacionais (dificultam a comunicação), metodológicas e pedagógicas (dificultam a aprendizagem), instrumentais (dificultam o acesso à cultura) e atitudinais (dificultam a inclusão e as trocas sociais, uma vez que são expressas através do “preconceito estigmas e mitos que atuam sobre as pessoas com deficiência, marcando suas trocas sociais negativamente” (GESSER, NUERNBERG, 2015, p. 178).

As barreiras sociais são evidenciadas através do modelo social de deficiência, uma vez que neste modelo, o foco para o impedimento da vida social plena da pessoa com deficiência deixa de ser a lesão e passa a ser o sistema que não permite a acessibilidade em condições de igualdade para todos. Portanto a barreira ocorre quando o sistema não acolhe a limitação do corpo com lesão conforme descrevem Mello; Nuernberg (2012):

De modo geral, o modelo social da deficiência, [...], não se foca nas limitações funcionais oriundas de deficiência nem propõe a ideia tão comumente aceita da necessidade de reparação/reabilitação do corpo deficiente, mas sim a concebe como o resultado das interações pessoais, ambientais e sociais da pessoa com seu entorno. Nesse sentido, as experiências de opressão vivenciadas pelas pessoas com deficiência não estão na lesão corporal, mas na estrutura social incapaz de responder à diversidade, à variação corporal humana (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 638).

A barreira atitudinal na forma de discriminação fica evidente no contexto escolar, uma vez que a falta de conhecimento das pessoas de um modo geral teima em evidenciar apenas a deficiência como forma de tornar a pessoa portadora da mesma incapaz para a realização de qualquer atividade cognitiva ou social. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com deficiência, incorporada à legislação brasileira em 2008, reconhece que:

[...] a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2011, p.22).

A inclusão, tão importante para todos que tem o privilégio de vivenciá-la precisa ser vivenciada na escola, pois é neste ambiente que se aprende as primeiras lições de vida em sociedade conforme ressalta Santos (2010):

É nos bancos escolares que se aprende a viver entre os nossos pares, a dividir as responsabilidades, a repartir tarefas. Nesses ambientes, desenvolvem-se a cooperação e a produção em grupo com base nas diferenças e talentos de cada um e na valorização da contribuição individual para a consecução de objetivos comuns de um mesmo grupo (SANTOS, 2010, p. 15).

Uma vivência que tive com duas estudantes deficientes, bem como, o início da disciplina Deficiências e inclusão serviram como fonte de inspiração para este Trabalho de conclusão de Curso (TCC). Vou chamá-las por nomes de flor¹, então a partir de agora essas estudantes serão Margarida e Rosa, duas flores simples, mas que são capazes de atrair olhares e alegrar o dia de quem tem a oportunidade de observá-las. Estudantes como Margarida e Rosa acabam ficando invisíveis neste espaço heterogêneo e amplo que é a sala de aula. Apresento-lhes a seguir as duas protagonistas iniciais deste trabalho proposto: Margarida está cursando o 7º ano do ensino fundamental, apresenta paralisia cerebral, o que lhe causa dificuldades motoras.

No início do ano eu entreguei o texto felicidade (Anexo 1) aos/às estudantes e questionei: “*O que você precisa para ser feliz em 2016?*”, Margarida fez o desenho (anexo 2). Ela representou um auto-retrato. Os braços são menores e não tem pernas (talvez a ausência de pernas seja porque suas pernas não são funcionais), segundo ela, desenhou ao lado uma casa, mas avaliou: “*Professora é uma casa, não ficou muito bem, eu quero uma casa pra minha família em 2016*” e por fim colocou seu nome na folha. Com esta atividade foi possível identificar no primeiro contato que o problema dela é físico (motor) e não cognitivo. Margarida sabia muito bem sua meta para 2016, e ao contrário do que eu imaginava, não era nada relacionado à sua limitação, ou mesmo, às barreiras que encontra pelo caminho.

Rosa também está cursando o 7º ano do ensino fundamental, apresenta deficiência Intelectual leve. Além disso, temos percebido problemas no comportamento e dificuldades de aprendizagem. Suspeita de transtorno psiquiátrico. Dificuldades no raciocínio lógico em criar estratégias e problemas matemáticos. Não está alfabetizada. Arredia, vive se metendo em confusão.

Início do ano quando eu entreguei aos/às estudantes o texto felicidade fiz uma proposta diferente para a turma de Rosa. Questionei: “*Onde é a casa desta família?*”. Alguém respondeu: “*somos nós!*”. Continuei: “*Exatamente! É em nós que o amor, a alegria, a amizade, a felicidade e o tempo moram. Então vocês deverão fazer essa casa, lembrando que representa vocês, essa casa deverá ter duas portas, uma porta representa 2015 e vocês irão colocar nesta porta o que deixaram pra traz em 2015; a outra representa 2016 e vocês*

¹ Todos os/as estudantes participantes deste estudo serão identificados/as por nomes de flores para preservar sua identidade.

deverão colocar nesta porta o que esperam encontrar em 2016 (Qual a sua meta para este ano)”. Os alunos fizeram origamis de casas coloridas e caprichadas, mostrando uma auto estima elevada, já que é a representação de cada um (anexo 3). Rosa fez do jeito dela, buscando outra estratégia para concluir esta tarefa (anexo 4), pediu pra levar para casa e entregar no dia seguinte. Quando eu li o que estava escrito: *“Eu não quero que aconteça mais em 2016 é o racismo, violência contra a mulher, idoso e adolescente. Também quero que acabe o desrespeito contra as pessoas”*. Imediatamente questionei: *“Rosa quem fez pra ti?”* (Eu vi que a letra era dela, vi fazendo o desenho, mas ela não entende o código, ela não lê, apenas copia o que está escrito. Como poderia escrever essa frase tão profunda e complexa?). *“Me diz como tu fez!”*. Ela respondeu com toda a simplicidade do mundo: *“Eu vi na internet. Coloquei o que a professora pediu (meta pra 2016) e vi as imagens e copiei o que estava escrito na imagem”*.

Com esta experiência percebi que esses/as estudantes considerados “deficientes”, na verdade tem muito a nos ensinar, eles/as encontram estratégias para enfrentar os desafios oferecidos na escola, tanto quanto os/as estudantes considerados/as “normais”. Constatei que tanto estudantes com deficiência, como os/as demais, podem não me entregar o que eu pedi, eles/as me darão muito mais. Cabe eu estar preparada para receber o que eles/as têm para me entregar. Percebi também meu erro, pois eu aqui estava focada na limitação de Rosa, e não acreditei no primeiro momento na capacidade de realização dela.

Sendo assim, comecei a delinear o trabalho aqui proposto com a seguinte problemática: A comunidade escolar consegue identificar o potencial para o protagonismo entre os estudantes com deficiência?

Este trabalho desenvolveu-se através de oficinas semanais com uma hora-aula de duração. Os participantes² foram estudantes da unidade educativa dos anos iniciais e finais, com deficiências diversas e um estudante com baixo rendimento escolar escolhido para ser meu ajudante e aprimorar sua capacidade de liderança. O objetivo era torná-los/as protagonistas no processo de construção e apresentação de um teatro de sombras. O teatro de

² Os participantes foram nove estudantes de turmas mistas conforme a seguir:

Um estudante e uma estudante do 3º ano com deficiência intelectual, um estudante do 4º ano com deficiência intelectual; um estudante do 5º ano com paralisia cerebral e deficiência intelectual; uma estudante do 7º ano com paralisia cerebral; um estudante do 8º ano com surdez e um estudante do 8º ano com baixo rendimento escolar; dois estudantes do nono ano com deficiência intelectual leve.

sombras consiste na manipulação de silhouetas diante de uma fonte de luz, cuja sombra é projetada em uma tela. Eles/as buscaram materiais, construíram personagens, definiram estratégias para a apresentação, identificaram potencialidades para a realização de tarefas entre os/as participantes do grupo e ao final apresentaram o resultado do trabalho para os/as demais colegas da escola e de outras unidades educativas no Ecofestival³. Foi uma tarefa gigantesca, mas que possibilitou identificar características subjetivas dos envolvidos, como, motivação para adquirir novos conhecimentos, capacidade de interação com os/as demais colegas, solidariedade, liderança frente às situações apresentadas durante a realização do trabalho, capacidade de resolução de problemas diversos, valores que trazem consigo.

Os materiais necessários para a realização do trabalho, papéis, tela, fonte de luz, tesoura, régua, estavam disponíveis na escola, portanto não houve necessidade de recursos extras para a realização do projeto. O texto escolhido para a encenação foi a Lenda das areias⁴ (presente como folha de rosto deste trabalho), devido à sua mensagem de superação de desafios que foi ao encontro da proposta aqui apresentada.

Cordeiro (2007) em seu artigo sobre um grupo de pessoas deficientes mentais que fazem apresentações de teatro para pessoas sem deficiência ao ressaltar a importância do trabalho artístico descreve:

Uma pessoa capaz de expressar-se artisticamente é também capaz de participar de modo mais efetivo de seu contexto sociocultural, pois contribui produtivamente e transforma seu desenvolvimento em um constante processo de aprendizagem e de reconstrução de suas formas de expressão, exercendo, assim, sua cidadania (CORDEIRO et. al. 2007, p. 152).

Utilizou-se durante todo o processo procedimentos metodológicos provenientes da etnografia: registros escritos, fotográficos e filmicos. A etnografia é uma pesquisa qualitativa, que segundo André (2008) tem como característica importante o seguinte:

³ Evento realizado pela secretaria municipal da Educação que envolve várias escolas da rede municipal de Florianópolis. Este ano de 2016 tivemos a XI edição do Ecofestival cujo tema foi ambiente e paz, este evento fez parte da programação da Secretaria Municipal de Educação para o 10º fórum mundial da paz.

⁴ Texto extraído do livro *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*, Autora: Regina Machado, São Paulo: DCL, 2004. Durante o processo de construção do teatro de sombras a professora de Artes adaptou o texto para que ficasse mais fácil o encaixe da leitura às cenas apresentadas. O texto modificado segue anexo a este trabalho.

A ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais. [...] O pesquisador faz uso de uma grande quantidade de dados descritivos, situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. [...] O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (ANDRÉ, 2008, p. 29).

O lócus de investigação foi a Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro situada no bairro Rio Tavares do município de Florianópolis, Santa Catarina.

CAPÍTULO 1 - PERSPECTIVA TEÓRICA DA INCLUSÃO.

A inserção de estudantes com deficiência no ambiente escolar não se deu de maneira simples e natural. Podemos destacar dois momentos distintos desta inserção anteriores ao movimento de inclusão conforme afirma Miranda (2004), trata-se inicialmente do movimento de segregação, onde estudantes com deficiência deveriam estar separados/as dos demais, seguido pelo movimento de integração, onde estudantes com deficiência deveriam adequar-se ao sistema de ensino regular.

[...] Nos séculos XVIII e meados do século XIX, encontra-se a fase de institucionalização, em que os indivíduos que apresentavam deficiência eram segregados e protegidos em instituições residenciais. [...] O final do século XIX e meados do século XX, é marcado pelo desenvolvimento de escolas e/ou classes especiais em escolas públicas, visando oferecer à pessoa deficiente uma educação à parte. [...] No final do século XX, por volta da década de 70, observa-se um movimento de integração social dos indivíduos que apresentavam deficiência, cujo objetivo era integrá-los em ambientes escolares, o mais próximo possível daqueles oferecidos à pessoa normal. [...] A fase de integração fundamentava-se no fato de que a criança deveria ser educada até o limite de sua capacidade (MIRANDA, 2004, p. 2).

A perspectiva de inclusão no ambiente escolar é recente e cheia de controvérsias. Silva (2009, p. 34) afirma que somente “a partir da década de 1990 que as escolas começaram a aceitar a matrícula de crianças com deficiência de forma obrigatória”. [...] “Numa perspectiva de nenhuma criança fora da escola”, portanto indo ao encontro do movimento de inclusão “educação para todos”. A autora destaca a variação de sentidos dada ao termo inclusão: “Nessa variação de sentidos do termo inclusão, consolida-se uma mescla entre os discursos oficiais e acadêmicos, os desejos do movimento social e das vozes das pessoas com deficiência além do pensamento presente no senso comum” (SILVA, 2009, p. 35-36).

Atualmente é perceptível que apesar da presença de estudantes com deficiência na escola, a inclusão educacional não ocorre de maneira efetiva. Ropoli et al. (2010) dá a dica de como a escola comum pode tornar-se inclusiva:

A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola

e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão (ROPOLI, et. al. 2010, p. 9).

A inclusão é um direito garantido pela convenção sobre o direito das pessoas com deficiência e pela Constituição Federal de 1988. Cordeiro et. al. (2007) relembra que a Assembleia Geral da ONU (1990) enfatizou o “modelo de sociedade inclusiva, baseado no princípio de que todas as pessoas têm o mesmo valor e que a sociedade deve empenhar-se para atender as diferentes necessidades de cada cidadão” (CORDEIRO, et. al. 2007, p. 151). A premissa de que todas as pessoas têm o mesmo valor também vai ao encontro do princípio da igualdade perante a lei descrita no artigo 5º de nossa constituição brasileira. Segundo Brasil (2010):

O Brasil se destaca nos últimos anos pelos avanços relacionados à efetivação do direito de todos à educação, estabelecido pela constituição federal de 1988 e fundamentado no paradigma da inclusão, nos direitos humanos e na articulação entre o direito à igualdade e à diferença os quais abriram caminhos para a transformação dos sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos (BRASIL, 2010, p. 7).

Mendes (2009) ao “buscar identificar um marco inicial” para o discurso sobre inclusão escolar na legislação brasileira descreve o seguinte: [...] “poderíamos situar principalmente a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990, a Declaração de Salamanca e, mais tardiamente, a Convenção de Guatemala” (MENDES, 2009, p. 17).

No artigo 3º Sobre a universalização do acesso à educação e promoção da igualdade, no que diz respeito às pessoas com deficiência a Conferência Mundial de Educação para todos afirma no parágrafo 5º:

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo. (UNESCO, 1998, p. 4).

Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais a declaração de Salamanca proclama que:

[...] aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades; escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos [...] (UNESCO, 1994, s/p).

Em relação à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência aprovada pela ONU em 2006, Brasil 2010 afirma que esta convenção:

[...] estabelece que os Estados-Partes devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta da plena participação e inclusão [...] (BRASIL, 2010, p. 15).

No que tange à valorização das diferenças e inclusão, nas diretrizes curriculares para a educação básica da rede municipal de Florianópolis consta dentre os princípios educativos orientadores do percurso formativo dos/as educandos/as o seguinte:

Igualdade de condições para o acesso, a inclusão, a permanência e o sucesso na escola: Conforme explicitado nas Diretrizes Gerais para a Educação Básica, tomar a educação como um bem comum, implica necessariamente em respeitar a diferença. O respeito à diferença implica na garantia do acesso a todos, independente de suas características individuais, em todas as etapas e modalidades de ensino na rede (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 21).

No item intitulado “O reconhecimento do direito de aprender” consta:

O que implica na garantia do acesso e o regresso à educação escolar aos cidadãos, independentemente de faixa etária, orientação sexual, raça/etnia, condição social, deficiência, religião ou gênero, dentre outras diferenças, mas, sobretudo, a permanência e o sucesso escolar, o que significa que os estudantes aprendam efetivamente e que os profissionais da educação sejam valorizados para que todos se sintam responsáveis e compromissados com uma educação de qualidade social (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 23).

Conforme descrito acima, existem leis e políticas públicas que valorizam a inclusão, o respeito às diferenças e a proteção ao/à estudante com deficiência. Estas leis e políticas públicas têm o intuito de abrir portas para o conhecimento e cidadania. Mas para que tenham sua função realizada é preciso ações que as façam valer na prática. Paulon et. al. (2005, p. 22)

reforça que “as referências usualmente feitas de inclusão no campo da educação consideram as dimensões pedagógica e legal da prática educacional”. Portanto não bastam apenas leis para que a inclusão ocorra na prática. A proposta pedagógica deve ser significativa, indo ao encontro do que as leis pregam, buscando enfatizar os valores necessários para que a sociedade viva em harmonia entre si e com a natureza, dentre esses valores podemos destacar: a inclusão social, o respeito às diferenças, a erradicação do preconceito em todas as suas formas.

Sendo o ambiente escolar, local de formação de cidadãos cientes de seu papel na sociedade deve prevalecer neste local a ética e o respeito. Piovesan (2015, p. 1) afirma que “é a ética que vê no outro um ser merecedor de igual consideração e profundo respeito, dotado do direito de desenvolver as potencialidades humanas de forma livre, autônoma e plena”. No entanto o que vemos é que nem sempre questões de inclusão ou de respeito às diferenças estão previstas no PPP (projeto político pedagógico) da escola ou na prática docente. Os professores, com suas demandas cada vez maiores, desconhecem as leis acima citadas, documentos e/ou atualizações das mesmas. O professor tem papel fundamental para que a inclusão ocorra no ambiente escolar, mas encontra várias dificuldades neste processo. Silva (2009, p. 32) ressalta que “as dificuldades dos professores de atuar com os alunos com deficiência ampliam-se quando elas já existem com os demais alunos”. A autora destaca ainda que “a inclusão de qualidade pressupõe um investimento de recursos coerentes com as adaptações necessárias e de formação de professores” (SILVA, 2009, p. 36).

Quando a inclusão não ocorre de fato, devido a diversos fatores, como, falta de formação adequada de professores, falta de materiais e/ou estrutura que facilitem o acesso ao conhecimento, falta de comunicação entre professores e auxiliares de educação especial para um planejamento adequado, quando a inclusão não é uma política da escola prevista no PPP, percebe-se uma inversão de papéis, ao invés de o ambiente escolar reforçar atitudes de cidadania acaba tornando-se arbitrariamente em um ambiente onde impera a exclusão, o medo e a violência na forma de discriminação. Em relação à discriminação, Piovesan (2015) ressalta:

A discriminação significa toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o exercício em igualdade de condições, dos direitos humanos e liberdades fundamentais, nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro

campo. Logo a discriminação significa sempre desigualdade (PIOVESAN 2015 p. 50 - 51).

Cada pessoa se desenvolve de uma maneira diferente. Segundo Luckesi (2001, p. 126), “o desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver”. Cada sujeito se educa nas relações que estabelece na sociedade, grupos, familiares e culturais. Sendo assim, o desenvolvimento que ocorre entre os indivíduos presentes no espaço escolar não ocorre da mesma maneira para todos, uma vez que no processo de ensino aprendizagem são consideradas suas especificidades e vivências. Assim como a identidade e as especificidades de cada indivíduo fazem parte do mosaico que constitui o ambiente escolar, “o entendimento da deficiência deve ser feito no sentido de expandir a nossa percepção de diversidade e identidade”. Ao falar em diversidade e identidade é preciso levar em considerações as interseccionalidades, as quais definem a identidade e a posição social em que se encontra cada indivíduo. As interseccionalidades são características próprias de cada indivíduo que servem como mecanismo de maior ou menor exclusão. Portanto “[...] interseccionalidade é um conceito analítico, ou seja, permite ler e interpretar a realidade para melhor atuar sobre ela visando a sua transformação” (MELLO; GONÇALVES, 2010, p. 168). Os autores ressaltam ainda que interseccionalidade é um conceito relacionado a marcadores sociais da diferença:

[...] cada um/a de nós traz em sua bagagem: uma origem de nascimento, numa cultura particular; uma referência de classe social definida a partir da posse de bens materiais e simbólicos, posições de poder e prestígio; marcas corporais e psicológicas que podem definir se somos homens ou mulheres; uma classificação num sistema racializado baseado na cor da pele ou em outros fenótipos; uma orientação sexual expressa de modo público ou não; uma idade que sinaliza o que é permitido ou proibido, e assim por diante. Esses sistemas de classificação a partir de “marcadores sociais da diferença” são construções sociais, pré-existem ao nosso nascimento – não fomos nós que os criamos – e se articulam de maneira a produzir maior ou menor inclusão/exclusão, a depender do quanto confrontam identidades sociais hegemônicas. Logo, nossa localização no mapa social depende: de nossas posições nos sistemas de classificação (estratificação), do que representamos (papéis sociais) e do tipo de controle que é exercido sobre nós. (MELLO; GONÇALVES, 2010, p. 164 – 165).

Em relação às pessoas com deficiência as interseccionalidades de uma maneira geral não são levadas em consideração, permanecendo o foco nas limitações. A inclusão deveria

envolver a discussão das interseccionalidades que permeiam a categoria deficiência. A segunda geração do modelo social de deficiência surge em uma perspectiva feminista e destaca as intersecções, classe social, gênero, raça, orientação sexual entre outros.

Santos (2015, s/p), atenta para o fato de que “historicamente, a deficiência é vista como um problema individual relacionado com incapacidades corporais; como questão individual, despolitizada, a deficiência é assim vista como algo a ser tratado, curado ou eliminado”. Schambeck (2009) relembra que “Vigotsky opunha-se veemente à avaliação das crianças com ‘incapacidades’ com base em seus defeitos ou deficiências, seus ‘menos’. Diferentemente, estas crianças eram avaliadas com base no que elas tinham de intacto, seus ‘mais’” (Vigotsky 1997 apud Schambeck 2009, p. 50).

Mello (2009) ressalta a importância da autonomia e da independência para as pessoas com deficiência ao afirmar que:

[...] a pessoa com deficiência, dependendo do tipo e grau ou severidade da deficiência, pode não realizar, sozinha, determinadas atividades, dependendo, por isso mesmo, de terceiros. Mas a elas deve ser creditado o poder de tomar decisões sobre essas atividades, respeitando suas opiniões e desejos. [...] A autonomia (controle sobre o próprio corpo e sobre o ambiente mais próximo) e a independência (faculdade de decidir por si mesma) são os dois lados da mesma moeda, fundamentalmente importantes na vida das pessoas com deficiência (MELLO, 2009, p. 34).

A inclusão pode ser considerada para aqueles que a vivenciam como uma oportunidade de aprender com as diferenças. Ao dar oportunidade aos/às alunos/as considerados/as invisíveis no espaço escolar para a expressão de forma artística através do teatro de sombras buscou-se obter a percepção que Cordeiro et. al. (2007), teve em seu trabalho realizado junto a um grupo de teatro formado por deficientes mentais:

De forma geral, pode-se afirmar que, após as apresentações, as pessoas repensam suas antigas concepções sobre deficiência, na medida em que passam a ver o deficiente como um ser que, apesar de suas limitações, possuem inúmeras habilidades. Essa mudança na concepção de deficiência mental pode indicar o início de um processo de minimização do preconceito e, em consequência, de promoção da inclusão social (CORDEIRO et. al. 2007. p. 155 - 156).

Silva (2009, p. 41) em seu estudo de inclusão de crianças deficientes na aula de Artes afirma que “a imagem que o sujeito faz de si é mediatizada pelo modo como o outro o vê” e reforça a “importância do combate ao estigma e da valorização da inclusão qualificada na escola”. Com esta afirmação a autora reforça o que se buscou no trabalho aqui proposto, a inclusão verdadeira.

CAPÍTULO 2 – A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O lócus de produção deste estudo foi a escola, no interior da qual as professoras de Ciências (pesquisadora e idealizadora da proposta aqui apresentada) e de Artes Cênicas (colaboradora e organizadora do teatro de sombras) atuam como educadoras, portanto conhecem a realidade dos/as participantes deste estudo, os/as quais se encontram invisibilizados/as no ambiente escolar, uma vez que são poucos/as estudantes com deficiência distribuídos/as entre as turmas. Muitas turmas não têm acesso a esse público e, portanto desconhecem as interações com o mesmo. Mello (2009) ressalta que existe uma variação de entendimento a respeito da deficiência:

As definições e percepções relacionadas com a deficiência variam muito, e há opiniões muito diversas acerca de quem deve ou não ser incluído nesta ou naquela interpretação de deficiência. Os estudos não são padronizados, e a maioria deles espelha um enfoque médico muito restritivo (MELLO, 2009, p. 28).

A falta de conhecimento gera margem para conclusões equivocadas a respeito da capacidade dos/as estudantes com deficiência, produzindo reações incompatíveis com o ambiente escolar, como o preconceito e a generalização. Além disso, nem sempre as práticas pedagógicas são realizadas de maneira inclusiva, o que contribui para o agravamento da situação em que estes/as estudantes se encontram, muitas vezes segregados/as e estigmatizados/as como incapazes. Diniz (2007, apud Oliver, 1990) afirma que:

Todos os deficientes experimentam a deficiência como uma restrição social, não importando se essas restrições ocorrem em consequência de ambientes inacessíveis, de noções questionáveis de inteligência e competência social, da inabilidade da população em geral de utilizar a linguagem de sinais, da falta de material em braile ou das atitudes públicas hostis das pessoas que não tem lesões visíveis (DINIZ, 2007 apud OLIVER, 1990).

Podemos considerar como justificativa para este trabalho o seguinte: Em primeiro lugar, fundamentou-se nos quatro pilares da Educação descritos por Delor's (1998): “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver junto”. Diante desses pilares nos deparamos com o grande desafio encontrado no ambiente escolar, ou seja, desenvolver na escola práticas pedagógicas que façam a diferença na sociedade e na vida dos/as estudantes.

Segundo, porque acreditamos na oportunidade que temos enquanto educadoras em tal cenário de proporcionar uma prática pedagógica significativa e transformadora, uma vez que esta experiência possibilitou a sensibilização da comunidade escolar para a busca de uma inclusão verdadeira.

Este trabalho justificou-se ainda ao pretender auxiliar no empoderamento de estudantes com deficiência através de um teatro de sombras. Para Kleba; Agueda (2009, p.735) “Profissionais ou agentes externos podem catalizar ações ou auxiliar na criação de espaços que favoreçam e sustentem processos de empoderamento, os quais refletem situações de ruptura e de mudança do curso de vida”. As autoras discutem o processo de empoderamento em três níveis da vida interpessoal: pessoal ou psicológico, grupal ou organizacional, e estrutural ou político. Na proposta deste trabalho o empoderamento esperado se deu no nível pessoal ou psicológico, o qual é definido pelas autoras da seguinte maneira:

No nível pessoal ou psicológico, a unidade de análise são os indivíduos. Um dos aspectos centrais nesse nível é a mudança de mentalidade a partir da percepção do sujeito das próprias forças, que resulta em um comportamento de autoconfiança. [...] É necessário reconhecer, no entanto, que o empoderamento pessoal não se realiza de forma independente, mas implica um processo de integração na comunidade, em que as diferentes formas de engajamento são campos de aprendizagem e reconhecimento junto aos membros do grupo, contribuindo para fortalecer sentimentos como autorrealização, identidade e pertencimento (KLEBA; AGUEDA, 2009, p. 738 -739).

Buscando-se o empoderamento dos/as alunos/as com deficiência, no nível pessoal ou psicológico, além do reconhecimento do grupo onde estão inseridos a respeito da capacidade deste público alvo foi que iniciamos nossas oficinas para a realização do Teatro de Sombras. A escolha do teatro de sombras se deu pelo encantamento que este tipo de teatro produz ao aguçar a imaginação do expectador. Outro fator determinante para a escolha deste tipo de teatro deve-se às possibilidades de interação que esta prática permite, conforme descreve Figueiredo (2008, p. 73) “Em meio a tantos recursos e inovações na arte e na ciência, o teatro de sombras, com sua linguagem e técnicas, ainda segue despertando emoções nos seus espectadores. [...] O teatro nos possibilita uma comunicação mais direta e até mesmo uma cumplicidade com o público”.

2.1 - PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes escolhidos para este estudo foram nove estudantes de turmas dos anos iniciais e finais com deficiência ou baixo rendimento escolar. Rosa, apesar de ter sido a inspiradora deste projeto junto com Margarida, não pode participar devido ao horário das oficinas no contraturno escolar, uma vez que neste período ela cuida dos irmãos mais jovens. Abaixo, segue descrição detalhada dos participantes.

Orquídea (3° ano): Adora vestir-se de rosa e faz questão de personagens princesas no material escolar. Os cabelos estão sempre bem arrumados com tranças ou outros penteados que realçam seus expressivos olhos castanhos. Sempre muito alegre, gosta de dançar e brincar com as amigas. Possui dificuldade em apropriar-se de conceitos em localizar acontecimentos temporalmente. Reconhece letras do alfabeto mas não faz associação com grafema-fonema. Demonstra interesse em atividades que envolvam desenho. É agitada e dispersa necessita ser focada para a realização das atividades. Precisa ser trabalhada a socialização em grupo para o melhor convívio em sala.

Antúrio (3° ano): É muito carinhoso com as professoras, adora comer feijão com arroz, sempre repete. Não abre mão de guloseimas, por isso está bem acima do peso para sua idade. Gosta de assistir TV, especialmente desenhos animados. Não está alfabetizado. Bastante agitado tem dificuldade de relacionar-se com os colegas.

Cravo (4° ano): Sorriso encantador, sempre muito carinhoso com a professora e colegas. Adora jogar bola e sempre fica atento às explicações durante as aulas, apesar de não estar alfabetizado, simula que copia a matéria do quadro e pede licença à professora, quando ela está na frente do que ele “está copiando”. Tem diagnóstico de Deficiência intelectual. Necessita de professor auxiliar de educação especial. Frequenta a APAE (associação de pais e amigos dos excepcionais) duas vezes na semana. Necessita de rotina e ser estimulado nas atividades que envolvam exploração de imagens.

Lírio (5° ano): Muito educado, sempre cumprimenta a todos ao chegar à escola. Vaidoso, mostra quando corta os cabelos. Já apareceu em outdoors pela cidade, em campanha publicitária da Feira da Esperança da APAE. Adora ver sua imagem em campanhas publicitárias, jornais e revistas. Sempre mostra o que aprende durante as aulas com orgulho. Não abre mão de estar com os colegas e é acolhido pela turma. Apresenta diagnóstico de

Deficiência Múltipla, caracterizada por Deficiência Física e Intelectual, decorrente da Paralisia Cerebral. Apresenta ataxia, ou seja, incoordenação dos movimentos musculares, como por exemplo pegar um objeto e não conseguir mantê-lo em apreensão.

Margarida (7º ano): Tem um sorriso capaz de contagiar a todos. Vaidosa não dispensa um batom de cor vibrante e nem o cabelo bem arrumado. Carrega um espelho junto com o batom em uma bolsinha que fica guardada na mochila. Namorada, não deixa de perceber os meninos bonitos que passam, e sempre me pede informações a respeito deles. Adora macarrão e de sobremesa, não dispensa tangerina. Sempre muito prestativa, ajuda a limpar as mesas do refeitório da escola após os/as estudantes que ficam em período integral terminarem o almoço. Sempre quer ajudar a professora, seja, para entregar trabalhos aos demais estudantes, carregar livros de uma sala para outra, tirar xerox ou fazer companhia antes do sinal bater. Mantém o material escolar sempre cuidadosamente arrumado, é muito responsável e tira ótimas notas nas provas. Tem um quadro de Paralisia Cerebral, quadriplegia distônica. Apresenta dificuldades motoras severas. Faz uso da cadeira de rodas. Necessita de mesa adaptada. Usa a mão direita e tem bastante dificuldade no manuseio de objetos e para segurar o lápis. Precisa de auxílio nas atividades de vida diária.

Copo de Leite (8º ano): Destaca-se principalmente em matemática, onde ganhou medalha de bronze na OBMEP no ano de 2015, fato amplamente divulgado pela mídia. Sempre muito participativo durante as aulas, dá opinião a respeito das questões estudadas e faz sugestões. Sempre participa dos eventos da escola, bastante ativista está ligado às questões políticas do país e faz questão de mostrar seu ponto de vista à comunidade escolar nos eventos, bem como, dar informações a respeito da cultura surda. É bastante admirado pelos colegas, especialmente agora que está atuando como protagonista na série do netflix *Crisálida*⁵ que retrata a cultura surda. É surdo, utiliza a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como sua primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Apenas copia, pois não domina a leitura da Língua Portuguesa.

Crisântemo e Girassol (9º ano): São irmãos gêmeos, estão sempre juntos. Gostam de lutar capoeira. Apresentam poucos, mas verdadeiros amigos. Adoram animais, tinham um hamster, que morreu no início de 2016, fato que os deixou bastante tristes, uma linda cachorra vira-lata está sempre os esperando depois da escola e faz uma festa quando eles chegam. A

⁵ Informações sobre a série *Crisálida* disponível em: <http://www.seriecrisalida.com.br/>

aquisição neste final de ano de 2016 foi um galo ainda bastante jovem, além de dois pintinhos amarelinhos. Eles cuidam com carinho desses animais. Adoram desenhar, são bastante vaidosos, não abrem mão de estarem bem arrumados e com o cabelo cortado. Adoram a merenda da escola, sempre repetem e vem correndo me dizer “o que tem pra comer hoje”. Apresentam deficiência intelectual leve e dificuldade cognitiva. Não apresentam diagnóstico de outros transtornos, embora sejam perceptíveis dificuldade na fala. Conseguem ler de maneira limitada, e apresentam dificuldade de interpretação de texto.

Alecrim (8º ano): Bastante querido pelos colegas, sempre é o primeiro a acolher quem chega à turma, especialmente as meninas bonitas. Skatista, não se separa do skate, por isso volta e meia aparece na aula todo arranhado, dos tombos que leva. O que lhe causa incômodo é a baixa estatura, a voz fina e uma pequena barriguinha que ele detesta. Não apresenta deficiência, mas baixo rendimento escolar. Foi escolhido para fazer parte deste projeto para melhorar a percepção de sua capacidade de liderança, uma vez que sempre faz comentários se depreciando.

2.2 - CENÁRIO DO ESTUDO

A Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro foi fundada em 30 de maio de 1968, com a categoria de Escola Desdobrada. Somente em 1975 passou à categoria de Escola Básica, com a implantação das turmas de 5ª a 8ª série. Recebeu o nome em homenagem ao primeiro professor do Bairro, o qual fundou a escola.

Desde 2007, passou a trabalhar com a implantação do novo Sistema Nacional de Ensino de nove anos. Atualmente a escola atende alunos de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com 24 turmas nos períodos matutino e vespertino. A grande maioria dos estudantes reside próximo à escola, se relaciona bem com os professores e funcionários.

Hoje conta com 630 estudantes matriculados/as nos diferentes níveis do ensino fundamental. A faixa etária predominante dos/as estudantes varia de acordo com o ano, conforme apresentado na tabela abaixo, onde também é possível identificar um total de 17 estudantes com deficiência distribuídos/as entre os anos iniciais e finais. Este número quando

comparado ao total de estudantes da unidade educativa contribui para a invisibilidade dos/as alunos/as com deficiência.

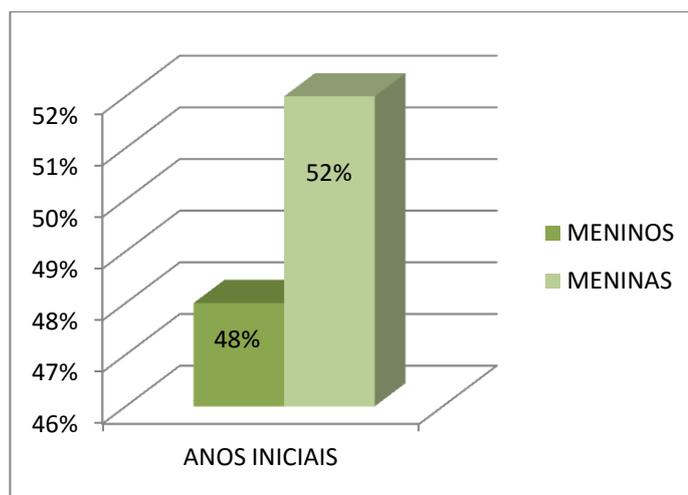
Tabela 1 – Distribuição dos alunos/as com deficiência de acordo com os anos.

Ano	Idade predominante	Total de estudantes com deficiência
1°	6	
2°	7	
3°	8	4
4°	9	2
5°	10	2
6°	11	1
7°	12	3
8°	13	2
9°	14/15	3

Fonte: a autora (2016).

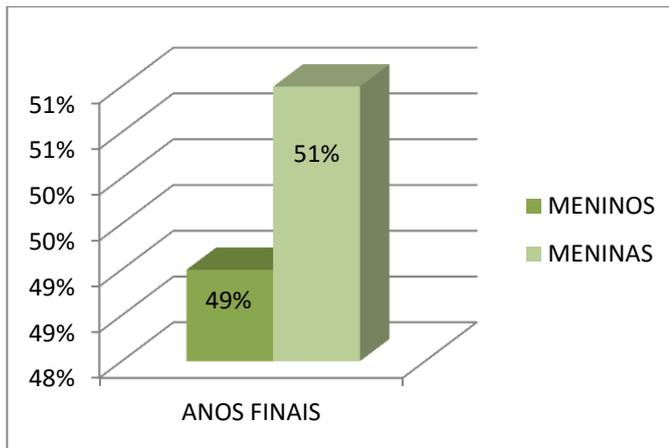
Em relação à distribuição de gênero, a escola atende de 1° ao 4° ano, 103 alunos e 112 alunas; já de 5° ano a 8ª série, 204 alunos e 211 alunas. Totalizando 307 alunos e 323 alunas. O que demonstra que há uma distribuição de gênero ligeiramente maior de meninas em relação aos meninos em nossa escola conforme gráficos abaixo:

Figura 1 - Distribuição de gênero - anos iniciais (1° ao 5° ano).



Fonte: a autora (2016).

Figura 2 - Distribuição de gênero anos finais (6° ao 9° ano).



Fonte: a autora (2016).

Em relação à estrutura e funcionamento da escola, temos salas-ambiente, onde os/as estudantes se deslocam para as salas de aula ao tocar o sinal. Este deslocamento ocorre de maneira tranquila, e eles/as gostam desse sistema. Dentre os espaços escolares podemos citar: 24 salas de aula, duas salas de vídeo, laboratório de ciências, sala informatizada, sala de artes, biblioteca, horta escolar, ginásio coberto e duas quadras descobertas, um parquinho ao ar livre para uso de estudantes dos anos iniciais, cozinha, refeitório, sala dos professores, banheiros (inclusive dois banheiros adaptados para estudantes com deficiência), auditório além de um amplo espaço descoberto que pode ser aproveitado para diversas atividades. A escola é bastante acessível aos estudantes com deficiência, pois possui rampas de acesso para o palco do auditório e para as salas de aula, além de mesas adaptadas e uma sala multimeios com profissionais capacitados para atender a este público.

Os interesses dos/as estudantes no ambiente escolar são atividades práticas e dinâmicas, de preferência fora de sala de aula em ambientes como laboratório de ciências, laboratório de informática, horta escolar, auditório, entre outros. Também gostam de atividades esportivas como gincana e educação física, realizadas em vários espaços da escola como ginásio, quadras externas, campo de areia. Já em relação às atividades sociais, culturais e comunitárias, que são realizadas fora da escola, as de maior interesse são relacionadas a festas tradicionais (Festa do Divino e Festa Junina), atividades ao ar livre (Surf, Skate e

Futebol). Outra atividade que faz parte, com frequência, do dia a dia desses/as estudantes, é o uso da internet, através de redes sociais e jogos online.

2.3 - OS ENCONTROS – ALGUNS CONTRATEMPOS

Já no primeiro encontro a professora de Artes teve um problema odontológico que a impediu de participar. Então eu apresentei a proposta do trabalho ao grupo. Primeiro apresentei um vídeo do Youtube⁶ de leitura e interpretação de forma lúdica do texto “A lenda das areias”. Em seguida li o texto e como a ideia era de que eles/as fossem os/as protagonistas pedi que dissessem os personagens que deveriam ser construídos para o nosso trabalho, bem como, sugestão de materiais. Tivemos as seguintes sugestões de personagens: Fiozinho e água, rio, o vapor, chuva, vento quente, grão de areia, mar. Em relação aos materiais foram sugeridos materiais recicláveis: papelão para fazer a montanha, a nuvem, as gotinhas; palitos de churrasco; restos de papel celofane azul para fazer o mar, saco plástico para fazer o vento. Assim terminamos nosso primeiro encontro, agora nosso projeto já tinha um contorno, já sabíamos o que era preciso fazer para transformá-lo em realidade.

No segundo encontro a professora de Artes trouxe a tela de projeção, a fonte de luz, e algumas silhuetas de personagens utilizados por ela nas aulas de teatro e deixou que os/as estudantes manuseassem para irem se familiarizando com as projeções do teatro de sombras. Foi possível perceber que ao aproximar o objeto da fonte de luz ele aumenta de tamanho na tela, ao afastar, ele diminui. Também Foi possível identificar as cores nas projeções, este encontro foi uma festa, os/as estudantes além de brincar com as silhuetas, brincavam com a própria sombra, faziam bichos com as mãos, queriam projetar e visualizar as imagens ao mesmo tempo fazendo malabarismos atrás da tela, conforme imagens abaixo.

⁶ Video disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tRbyVc7bOME> (assistido em 15 de junho de 2016).

Figura 3- Segundo encontro: testando as silhuetas.



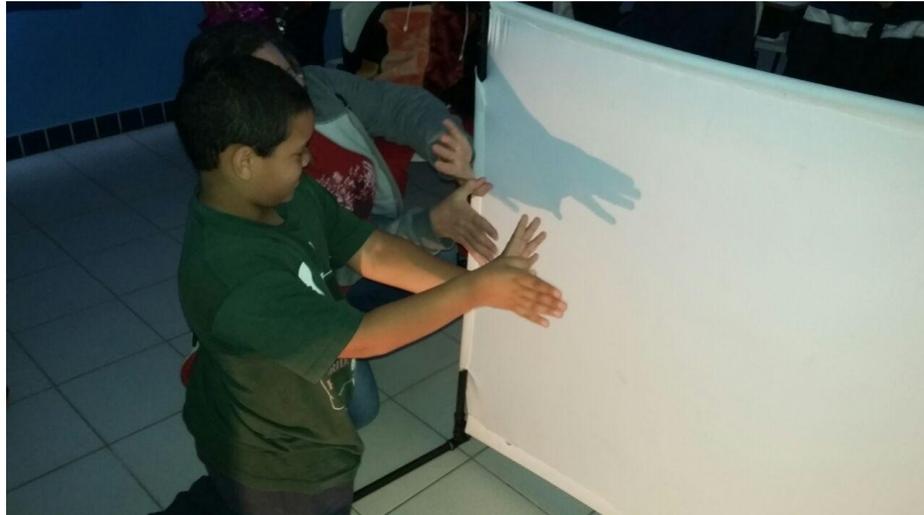
Fonte: a autora (2016).

Figura 4 - Segundo encontro: criando personagens com as mãos (a).



Fonte: a autora (2016).

Figura 5 - Segundo encontro: criando personagens com as mãos (b).



Fonte: a autora (2016).

Para o terceiro encontro eles/as já tinham uma ideia do que esperar e me perguntavam ansiosos durante a semana se iria ter o encontro, que horas, quando, como, onde. No dia marcado estavam no local indicado, mas não todos, Margarida e Lírio fazem fisioterapia com equitação quinzenalmente, Antúrio, Crisântemo e Girassol faltam com frequência sem haver um motivo e Cravo também faltou neste dia. Então apesar de toda a expectativa, para este encontro estavam presentes apenas Copo de leite, Orquídea e Alecrim.

Mesmo assim, demos continuidade ao que estava proposto, começamos a construção dos personagens. Definimos que iríamos utilizar materiais recicláveis encontrados na escola, assim estaríamos ajudando o meio ambiente, trabalhando também o conceito de sustentabilidade. Encontramos umas caixas de papelão e com o auxílio de um lápis e estilete Copo de leite se preocupou em fazer a montanha de onde o riozinho iniciaria sua jornada, ele usou a língua brasileira de sinais para dizer que a montanha precisava ter uma fenda no meio, a qual ele mesmo abriu com a ajuda de um estilete, para que ao colocar o papel celofane (que seria o rio) diante da fonte de luz desse a impressão que o rio descia pela montanha. Para entender o que Copo de leite dizia tivemos a ajuda do intérprete de libras.

Figura 6 - A montanha nascendo.



Fonte: a autora (2016)

Alecrim não deu muita atenção ao que Copo de leite estava fazendo, pois estava concentrado desenhando a gotinha que seria protagonista da história, uma vez, que a gotinha iria se desprender do rio na forma de vapor, ir até a nuvem com a ajuda do vento e ser transportada pela nuvem para cair no mar.

Figura 7 - A gotinha nascendo.



Fonte: a autora (2016).

Mas e o vento? Como podemos fazer o vento? Questionei; e para minha surpresa Orquídea pegou um saco plástico e disse: “Para fazer o vento devemos fazer umas franjas neste saco plástico, aí elas vão voar como no vento”. E assim ela foi fazendo as franjas com a tesoura enquanto a professora de Artes segurava o saco plástico para ela cortar (figura 8).

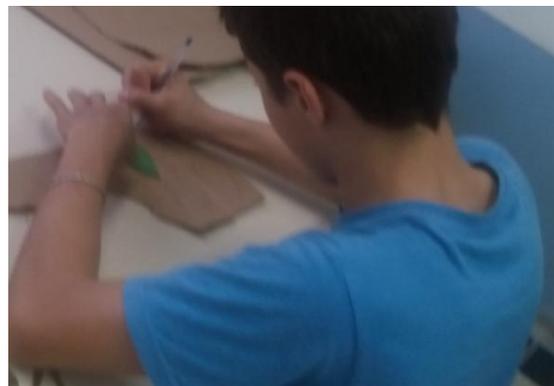
Eu sugeri que utilizássemos os peixinhos que sobraram da pescaria para alegrar ainda mais nosso cenário. E assim, esse encontro, apesar de desfalcado foi bastante produtivo. A nuvem e a chuva, deixamos para que Crisântemo e Girassol confeccionassem em outro momento durante a semana. Eles usaram caixa de papelão, barbante e fita adesiva e fizeram uma nuvem com várias gotinhas de chuva pendurada (figura 9).

Figura 8 - O vento nascendo.



Fonte: a autora (2016).

Figura 9 – Nuvem e chuva nascendo.



Fonte: a autora (2016).

O próximo passo seria testar nossos personagens na tela de projeção. Ainda que com desfalques, fizemos nosso ensaio sem maiores complicações. Definimos alguns ajustes necessários e quem seria qual personagem e fizemos o primeiro ensaio pra valer. Durante a distribuição dos personagens não houve problemas em relação ao gênero. Margarida era o rio e o vento. Alecrim ficou com o papel de areia, Crisântemo e Girassol eram a nuvem, a chuva e a gotinha, Lirio era o vento junto com Margarida e o peixinho, Copo de leite era importante para fazer o cenário ele cuidava do rio que descia a montanha e ajudava a orientar os demais, Cravo era um peixe enorme que morava no mar, Orquídea era um pássaro (silhueta reutilizada das aulas de Artes). Antúrio fazia a abertura da peça projetando o título. Logo no primeiro ensaio percebemos que a história não se encaixava direito às projeções. Então a professora de Artes resolveu fazer uma adaptação no texto original (anexo 9).

2.4 - O ENCONTRO DEFINITIVO

Logo percebi que seria difícil contar com todos os/as estudantes para os ensaios que ocorreriam semanalmente às quartas feiras com o período curto de apenas uma aula. Também tivemos um empecilho extra ao longo do percurso, assembleia dos trabalhadores da Educação com indicativo de greve no dia do ensaio seguinte, seguida de uma greve que durou duas semanas, o que comprometeu bastante nosso rendimento. Diante disso preferimos cancelar a apresentação no Ecofestival.

Ao retorno da greve, faltando apenas duas semanas para o Ecofestival resolvemos fazer um ensaio para avaliar melhor. Igualmente tivemos faltas, faltaram Antúrio, Orquídea, Crisântemo e Girassol. Mas este foi o ensaio da superação das dificuldades encontradas até aqui. Precisávamos neste encontro definir quem iria ser o narrador. Alecrim não queria assumir este papel, não queria se expor. Percebi ao ler o texto modificado pela professora Julia que havia a fala do rio e das areias, além do narrador. Então pedi que Alecrim fizesse a fala das areias e propus que Margarida fosse o rio, mesmo sabendo de sua limitação de fala. Desde o início definimos que ela seria o vento junto com Lírio (por serem os dois cadeirantes já que iriam segurar o barbante e balançar juntos as franjas que representavam o vento). No primeiro momento não pensei em deixa-la como rio, uma vez que precisaria falar ao microfone. Mas como Alecrim não quis narrar tudo sozinho, resolvi testar Margarida falando como rio e ficou lindo. Ela adorou fazer este papel. Aí ela assumiu o papel de rio e de vento. Mas uma vez percebi que posso estar errada ao olhar para a deficiência do meu/minha aluno/a, que aparentemente o/a impede de fazer algo proposto em sala de aula. Percebi, ao contrário do que pensava, que a auto-afirmação na voz de Margarida, que não ficou encoberta em um papel que omitisse sua deficiência resgatou essa deficiência como parte de sua identidade.

O intérprete de Copo de leite deu o start: “Gravando!”. Iniciando o primeiro ensaio após as definições dos papéis, eu no papel de narradora, Margarida fez a fala do rio com tanta intensidade, com tanta perfeição que me deixou emocionada, seguida por Alecrim, que derrubou a barreira da timidez e fez seu papel de areia lindamente. Começou assim:

“Todo mundo tem uma história pra contar. Uma história de alegrias, de vitórias, de conquistas ou mesmo de tristezas. E eu vou contar a história de um rio que um dia nasceu lá

no alto de uma montanha!”. Enquanto eu narrava lembrava que cada um/uma daqueles/as estudantes tinha uma história e que agora, neste momento era a hora de mostrar para os que não acreditam em si ou no próximo, ou que olham sempre para os obstáculos uma história de protagonismo e superação. Cada pessoa presente naquela sala de aula, naquele ensaio, inclusive eu éramos como um rio que tinha o objetivo de conhecer o mar, e que saiu em busca de seu sonho, mas encontrou alguns obstáculos pela frente, dentre eles o medo do desconhecido. O medo é um obstáculo que nos paralisa, portanto, impede nossa jornada. É preciso superar esta barreira.

Enquanto eu estava narrando e pensando no nosso caminho até este ensaio, Copo de leite projetava a montanha feita por ele; a montanha onde tudo havia começado de onde o rio partira esperançoso rumo à grande aventura de conhecer o mar. Ao longo do caminho o rio percebeu que estava conhecendo a si mesmo, conhecendo coisas novas, superando seus limites, saindo do conformismo e protagonizando sua história que aqui é contada. E continuei a narração: “Um rio que quando ainda era pequeno, só um riachinho já sabia o que queria” e Margarida falou bem alto “Eu quero conhecer o mar”. Margarida e Lírio balançavam o papel celofane azul cuja sombra projetava um rio caudaloso. Logo em seguida a sombra de um peixe feliz passava pelo rio sob o comando de Copo de leite.

Continuei a narração: “Esse riacho logo foi descendo a montanha, olhando tudo o que via pelo caminho muito curioso e deixava um pouco de si em cada lugar que passava. E é assim na vida da gente. Vamos deixando um pouco de nós pelo caminho”.

Enquanto narrava a trajetória do rio, também pensava na minha própria trajetória e na trajetória desses/as estudantes escolhidos/as para serem protagonistas neste lindo trabalho. O que será que também deixamos de nós pelo caminho onde passamos? Alguns caminhos são escuros, outros tortuosos, mas a única certeza que temos é a de que precisamos seguir em frente e ao final do caminho não seremos mais os mesmos. Modificamos o caminho, mas o caminho também nos modifica, deixamos um pouco de nós por onde passamos, nas pessoas que encontramos, mas também levamos conosco lembranças, descobertas e superações. E continuei...

“Muito tempo depois, o riacho chegou ao pé da montanha, e esbarrou em um monte de areia”. Enquanto isso a sombra do pé da montanha de areia ia surgindo e Margarida falava...

“Areia? Mas cadê o mar?”. O monte de areia aqui representa as surpresas que encontramos que muitas vezes nos fazem desistir de nossos objetivos.

E fui narrando: “Era tanta areia, que até parecia um deserto! Então não tinha outro jeito! Ia ter que atravessar aquele deserto. Mas quanto mais força o riacho fazia, mais suas águas sumiam dentro das areias. E quando ele estava muito cansado, já pensando em desistir, uma voz, que parecia vir das areias, falou...”.

Então Alecrim fez o seu papel de Areia e falou bem alto: “Assim você nunca vai chegar ao mar. O jeito é pedir carona para o vento”. Em seguida Margarida no papel de rio continuou: “Pedir carona para o vento? Mas como o vento ia fazer isso?” E Alecrim no papel de Areia respondeu: “Primeiro, você se transforma em vapor e o vento carrega você em forma de nuvem. Depois, a nuvem vira chuva, e depois como chuva, você vai cair no mar”.

Enquanto narrava percebi que aqui o texto passava uma mensagem que mostra que ao percorrer o caminho em busca de nossos objetivos nos transformamos, é preciso que esta transformação ocorra para que tenhamos sucesso em nossa jornada. Mesmo nesta atividade de construção do teatro de sombras ainda inacabada, no meio do ensaio, nós que estávamos ali ensaiando já havíamos nos transformado. Eu e a professora Julia superamos a incerteza da apresentação no Ecofestival. Superamos a ausência do quadro de atores, Margarida era o rio, era o vento junto com Lírio, Copo de Leite era montanha, era peixe, Alecrim era a areia, era um deserto, era grandioso superando seu medo de falar em público, ainda que um público reduzido. Estavam presentes além dos atores Margarida, Lírio, Copo de Leite, eu, a professora de artes, os professores auxiliares de Margarida e Lírio e o intérprete de Copo de Leite. Alecrim estava firmando um compromisso de ser areia, ou deserto no Ecofestival, para um público bem maior. Continuei a narração: “O riacho ficou com muito medo. Ele não queria arriscar ter que mudar completamente, fazer uma coisa que nunca tinha feito antes, sem saber se ia dar certo. E a voz continuou...”. Alecrim representando a Areia seguiu com sua fala: “Se você continuar fazendo só o que já sabe, sem arriscar, sem tentar, o máximo que vai acontecer com você, é virar lama: não vai mais sair do lugar e nem vai conhecer o mar”. A mensagem aqui deixa claro que essa transformação não é algo fácil, precisa de uma grande dose de coragem para deixar de fazer o que estamos acostumados, deixar nossa zona de conforto e se arriscar, exatamente como estávamos fazendo ali naquele momento, cada um dos/as

estudantes estava fazendo algo diferente e saindo do lugar comum rumo a um projeto grandioso, o de mostrar à comunidade escolar sua capacidade de realização.

Por trás da tela branca o rio, a montanha, a areia, o peixe contavam uma história, ao mesmo tempo, era possível visualizar o encosto das cadeiras de rodas de Margarida e Lírio, mostrando que os atores, também passavam uma mensagem nas entrelinhas, a de que “querer é poder”, os obstáculos existem para todas as pessoas que se propõe a trilhar um caminho independente se esta pessoa tem ou não alguma deficiência física. Os obstáculos são apenas diferentes para cada um, para Margarida e Lírio é o obstáculo de locomoção, para Copo de leite é o de audição, para Alecrim o de falar em público, para algumas pessoas é de acreditar no seu poder de realização.

E finalizei: “E o rio, além de conhecer o mar, que era o que ele mais queria na vida, aprendeu quem ele realmente era: um ser em transformação”. Em seguida vieram os aplausos de todos os presentes na sala, inclusive dos/as atores/as.

Ao finalizarmos este ensaio, percebemos que daria certo nosso objetivo, iríamos apresentar um lindo teatro de sombras cuja mensagem era profunda o suficiente para mudar olhares e modificar pensamentos.

Então a professora de Artes pensou em alguns ajustes: “há é essa parte aqui ó: O rio ficou apavorado! Ele não queria virar lama, isso de jeito nenhum! Então ele pensou, pensou e resolveu arriscar! Aí nessa hora eu pensei de o som do vento aumentar e mostrar essa transformação dele, daí a gente tem noção do vento e o riachinho voando sobre o vento subindo pra nuvem... É tudo isso... e as gotinhas caindo”. Enquanto a professora Julia colocava suas ideias Margarida e Lírio brincavam com as projeções de peixes nadando no rio.

Neste momento fui tomada por uma alegria tão grande, pois o projeto estava tomando forma e agora faltava só alguns ajustes e comecei a pular “Vamos ensaiaaaaar, vamos ensaiaaaaar huhuuuuu” Alecrim interrompeu: “O professora, o professora...” Eu e a professora Julia olhamos para ele e ela acrescentou: “estás falando comigo ou com a Elaine?”, Alecrim continuou: “com a Elaine... o professora na hora da apresentação eu posso mudar a voz também? Pra minha voz ficar mais grossa?”. Bicaró (2014, p. 17) ressalta que “A voz em performance, muito além de abarcar apenas questões técnicas e estéticas para a sua concretização expressiva na cena, é um campo que abriga discussões éticas, sociais e políticas que envolvem a presença do corpo”. Mas ali naquele momento, alheios a todas essas

implicações do uso da voz, descritas por Bicaró (2014), não conseguimos conter a risada, eu e a professora Julia fizemos uma voz grossa “Claro que pode!”. Então continuei: “mas não esquece que tu é areia né”. Ela acrescentou: “Mas pode ser areia grossa” e eu não queria ficar por baixo: “é pode ser um areão” . Caímos todos na gargalhada. Alecrim tem voz fina, é pequeno em relação à média da turma de oitavo ano e percebi que como qualquer adolescente é inseguro. A voz fina é algo que o incomoda, mas ali ele poderia ser o que quisesse, ele era areia, era deserto, era conselheiro de um rio, era corajoso o suficiente para fazer esta linda história acontecer.

Questionar a forma como as vozes são vivenciadas e ouvidas na cena - seja partindo de culturas hegemônicas com territórios bem estabelecidos como a música erudita no Ocidente, seja, partindo de pesquisadores e performers vocais específicos como Demetrio Stratos e Laurie Anderson que forjaram na particularidade suas próprias versões de vocalidade, estética e identidade é um importante passo para pensar os entrelaçamentos éticos, sociais e políticos que a pesquisa acerca da vocalidade na cena pode propor. Perceber como essas questões estão subjacentes às escolhas estéticas, dramáticas e pedagógicas no campo da pesquisa vocal para a cena pode impulsionar abordagens artísticas e metodológicas interessantes, capazes de propor percepções e subversões que emergem em contextos específicos, em corpos-vozes particulares – ampliando os clichês acerca do sexo, identidade ou gênero na expressão da vocalidade humana (BICARÓ, 2014, p. 25- 26).

A professora de Artes continuou com os ajustes: “E a gente tem que ver também como iremos fazer a areia, com isopor pra soprar”. sugeri que trouxéssemos areia fina mesmo, a qual eu iria buscar nas dunas da praia da Joaquina.

Partimos para um segundo ensaio: “Tá, vamos lá de novo então agora, vamos fazer de conta que já estamos apresentando”. E o segundo ensaio ficou perfeito. Antes da apresentação no Ecofestival tivemos mais um ensaio com pequenos ajustes.

CAPÍTULO 3 – A ESTRÉIA

3.1 - O GRANDE DIA: APRESENTAÇÃO NO XI ECOFESTIVAL

O dia da estreia foi em grande estilo, nossa primeira apresentação pública aconteceu no XI Ecofestival. Despertei apreensiva, queria a presença de todos que estavam confirmados, por isso passei na casa de Antúrio e dos gêmeos (Crisântemo e Girassol) para garantir a carona e evitar atrasos, os demais participantes chegaram à escola no horário combinado. O dia estava lindo, um sol brilhando, a temperatura agradável e o sorriso na face de cada integrante de nossa equipe me fazia ter a certeza que iria ser um sucesso essa estreia.

Durante o trajeto, os/as estudantes estavam felizes, rindo, brincando, dando tchau, uma vez que foi preciso nos dividir em um ônibus e uma van, já que havia outros grupos da escola que fariam apresentações de música no mesmo evento. Margarida e Lírio, bem como, Cravo foram no ônibus com a professora Julia, o diretor, a auxiliar e demais professores e os demais estudantes foram na van comigo. Quando estávamos chegando, Antúrio falou: “que dia lindo, que lugar lindo...”. Todos ficaram encantados com o lugar cercado de verde e uma natureza exuberante, passamos por uma rampa que tinha um teto com cachos de flores vermelhas e amarelas caindo, era uma planta trepadeira que cobria o teto.

A primeira apresentação de uma creche me arrancou lágrimas teimosas, mas eram lágrimas de felicidade e esperança no futuro, já que passaram uma mensagem do que significava para cada criança que ali estava se apresentando a palavra sustentabilidade, e na simplicidade com que se colocaram mostrando seus desenhos e depositando em um recipiente que tinha o formato do planeta Terra enquanto a professora falava: “Para o Guilherme⁷, sustentabilidade é não deixar a geladeira aberta por muito tempo, para a Jessica, sustentabilidade é dar carona para o amigo, para Pedro, sustentabilidade é comer toda a comida do prato....” deu para perceber que tinham um conhecimento real do que significa utilizar os recursos naturais com responsabilidade, do que significa garantir que eles sejam preservados para a próxima geração. E de como é possível plantar uma semente e colher frutos de um futuro melhor.

⁷ Aqui os nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

Nossos/as estudantes amaram as apresentações, batiam palmas, sorriam, estavam despreocupados/as. Até que foi a nossa vez. Assim que nos chamaram Antúrio veio ao meu encontro e disse que não queria participar, tentei convencê-lo sem sucesso, estava intimidado com a plateia. Então perguntei se quando a gente fosse apresentar na escola ele iria participar; me garantiu que sim. Agora é esperar pra ver.

Preparamos o cenário, nos posicionamos nos lugares corretos, entreguei o som do vento e o som do mar para o sonoplasta e pedi que apagassem as luzes. Foi um momento surreal, todos sabiam o que deveriam fazer. Copo de Leite iniciou mostrando a montanha de papelão que ele havia confeccionado, a qual tinha uma fenda no meio por onde o celofane azul mostrava o rio iniciando sua jornada. A voz de Margarida em alto e bom som no papel de rio que sabia o que queria desde que era um riachinho mostrou que esse rio pode muito, pode ir longe, pode ultrapassar obstáculos e continuará seguindo seu curso até se transformar em mar. Alecrim no papel de Areia não ficou para traz, era uma areia que queria ajudar o rio a chegar ao mar, mostrando o caminho, já que a areia conhece o percurso desde a beira do rio até o mar. Alecrim fez exatamente o papel que eu já tinha percebido que para ele era importante, o papel de ajudar quem precisa. Suas irmãs que já se formaram em anos anteriores foram minhas ajudantes, mas ele sempre achava que não poderia continuar este legado, julgava-se incapaz, até que um dia eu expliquei a matéria para ele e disse, eu preciso que você me ajude, você vai ensinar aos outros. Quando a Tereza⁸, estudante destaque da turma pediu ajuda para ele, ficou realizado. Me falou entusiasmado: “professora até a Tereza me pediu ajuda”. Agora representando a areia, ele novamente estava ajudando o rio a chegar ao mar. Cravo no papel de peixe que morava no mar estava sorrindo, foi para o palco pulando de alegria e fez tudo direitinho, passando de um lado para o outro com um peixe de papelão feito pelo intérprete de Copo de leite no último ensaio, fixado em uma touca de lã na cabeça. Crisântemo e Girassol já haviam confeccionado a nuvem de papelão e com arroz (após várias tentativas foi este o material escolhido para representar a chuva) fizeram uma chuarada cair, levando o rio para finalmente cumprir seu destino. Lírio foi o vento, junto com a Margarida que teve múltiplas funções, além do rio, também era o vento.

⁸ Nome fictício para preservar a identidade da estudante.

Orquídea não estava presente (sua mãe não permitiu que saísse da escola alegando ter medo que acontecesse alguma coisa), mas foi fundamental para a confecção do vento e para iluminar nossos ensaios com sua alegria. Na hora em que o rio resolveu pegar carona com o vento Lírio e Margarida, balançaram o saco plástico cheio de franjas feitas pela Orquídea, ao som de um vento uivante.

Ao término da apresentação recebemos muitas palmas e algumas professoras de outras escolas vieram me parabenizar pelo trabalho, perguntaram se eu era da Sala Multimeios⁹. Ficaram surpresas por eu ser professora de Ciências. Eu falei: “Esse trabalho só foi possível porque foi uma parceria com a professora de Artes, que é *expert* em teatro!”.

A volta para a escola foi com a sensação de dever cumprido. Antúrio deitou no meu ombro e disse: “**Eu acho que eu te amo**”, pouco mais à frente Alecrim me falou: “Professora, sempre que for fazer alguma coisa me chama”. E assim fechamos com chave de ouro nossa grande estreia.

3.2 - APRESENTAÇÃO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR

Estamos em fase de preparação para a gincana de integração na escola. Todos/as os/as estudantes foram divididos em quatro equipes no período matutino representadas pelas cores branca, vermelha, amarela e preta e no período vespertino, onde nossos atores participam, as equipes eram representadas pelas cores azul, laranja, roxa e verde. Alecrim, Crisântemo e Girassol (equipe roxa), Margarida e Orquídea (equipe laranja), Lírio, Cravo e Antúrio (equipe azul) e Copo de leite (equipe branca).

Durante toda a preparação e durante a gincana nossos/as queridos/as protagonistas se empenharam na conquista dos pontos para suas equipes. Vinculamos a estreia da apresentação do teatro de sombras para a comunidade escolar a uma tarefa da gincana, onde as equipes

⁹ O profissional que trabalha na sala multimeios tem a função de preparar material pedagógico adaptado para as necessidades de cada criança, seja ela surda, cega e/ou baixa visão, e com comprometimento motor. Estas salas fornecem um trabalho com comunicação alternativa em horário oposto ao da sala regular. Na escola lócus deste estudo as professoras da sala Multimeios ministram aulas de libras nas turmas onde existe o aluno surdo, com o objetivo de proporcionar a comunicação entre o estudante surdo e o/a estudante ouvinte.

representadas pelos atores da peça de teatro ganhariam pontos e ao responderem maior número de questões relacionadas ao teatro seriam vencedoras da prova.

O dia da estreia na escola foi um daqueles dias muito esperados, que quando chegam fazem nosso coração bater mais forte. O motivo de tanta expectativa era o fato de estreamos nosso teatro a lenda das areias, para a comunidade escolar. Essa estreia significava muito para nós, afinal era na nossa ‘casa’, onde nos sentimos como parte de uma grande família. Estamos na semana da criança e em clima de festa por conta da gincana de integração que acontece nos dias 14 e 15 de outubro. Na última terça-feira dia 11 de outubro eu estava dando aula para a turma de Margarida, passei uma atividade no quadro e disse: “pessoal, preciso sair para entregar as autorizações de divulgação de imagem para as crianças”, o motivo desta necessidade era porque a revista *It’s teen* (revista que circula nas escolas – anexo 5, 5.1 e 5.2) estaria presente na nossa estreia para fazer uma matéria sobre a peça de teatro. Margarida imediatamente falou “posso ir junto? Eu quero entregar” e assim fomos eu e Margarida cumprir nossa missão, ela entregou os bilhetes para os colegas com muito orgulho.

No horário combinado chegou a equipe de reportagem da revista e também uma equipe do jornal *Hora de Santa Catarina*. Fiquei muito feliz, nossa peça de teatro já havia sido notícia no diário *Catarinense* do dia 06 de outubro (anexo 7), nossos/as atores/atrizes estavam orgulhosos/as, dizendo que iriam ficar famosos, uma alegria ver este orgulho estampado em suas faces. “Você é do jornal?” perguntou Orquídea, a jornalista do *Hora de Santa Catarina* respondeu: “Sim, sou jornalista”, Orquídea complementou: “Foi o que eu disse!”. Margarida dando entrevista estava radiante, falando sobre seus personagens, o rio e o vento e de como havia gostado desta experiência. Na matéria do *Jornal Hora de Santa Catarina* do dia 14 de outubro (anexo 6 e 6.1) aonde na capa vinha uma foto do teatro de sombras com o título: *Luzes da Criatividade*, Margarida deixou claro seu orgulho, a matéria dizia o seguinte:

A cadeira de rodas não intimidou: ela foi a personagem principal, justamente o rio. Sobre o que mais gostou, ela contou que se apresentar para os demais alunos da escola (eram cerca de 50 no auditório) foi muito importante. “Se possível, quero continuar a fazer teatro. Apresentar a peça foi a melhor coisa”, revelou (STINGHEN, 2016, p. 4).

Depois de tudo pronto, parece até que foi fácil, que na escola fluiria normalmente nosso trabalho. Mas passamos por uns contratempos antes da apresentação, a lâmpada

queimou, tentamos usar como fonte de luz o data show, mas ficou azul, até que conseguimos outra lâmpada para substituir e ao final deu tudo certo.

Hora de começar, a plateia estava esperando o espetáculo. Falei sobre a história que iria iniciar e da importância de prestarem atenção, afinal tratava-se de uma prova surpresa da gincana, onde as equipes representadas pelos artistas ganhariam dois pontos e ao final a equipe que respondesse às perguntas corretamente ganharia mais um ponto, totalizando três preciosos pontos para a equipe vencedora. E iniciamos a narrativa da saga de um rio corajoso que encontraria muito mais do que o mar (seu objetivo) ao final do caminho, descobriria também sua essência.

Ao acabar o espetáculo todos aplaudiram e iniciei as perguntas: Então, quero dois participantes da equipe azul, dois participantes da equipe roxa, dois participantes da equipe laranja e dois participantes da equipe branca aqui na frente do palco. Vocês irão escrever a resposta no papel. Vamos lá: Questão um – Qual foi a primeira frase do narrador?... A equipe roxa foi a grande vencedora, acertou seis das sete questões.

Os demais estudantes da escola e professores que não tiveram oportunidade de participar desta sessão, queriam saber quando seria a próxima, afinal todos queriam assistir nossos famosos protagonistas. Em breve iremos dar continuidade às apresentações para que todos possam ver a grandiosidade de nosso elenco e atingir o objetivo principal deste trabalho que é desviar o olhar da limitação para a capacidade de realização de cada um deles. Foi um dia mais que especial. Nosso elenco foi aplaudido e muito valorizado pelos que tiveram a oportunidade de assisti-los atuando e ao mesmo tempo quebrando paradigmas enraizados na nossa sociedade, como o de que pessoas deficientes são incapazes ou dependentes de outros, portanto, sem capacidade de autonomia. Descobrimos na prática que ao tirarmos as barreiras que lhe são impostas abrimos caminho para possibilidades infinitas de realização.

Durante a confecção das bandeiras para a gincana Laura me chamou, professora vem ver a bandeira da equipe azul. Que bandeira linda! Havia umas formiguinhas segurando balões coloridos e um instrutor formiga com a bandeira com a logomarca da escola, e o que mais me chamou a atenção foi a formiguinha cadeirante, perguntei quem ela estava representando e prontamente Laura, que estava dando os retoques finais na bandeira junto com Maria falou: “É o Lírio!”.

Figura 10 - Laura e Maria confeccionando a bandeira da equipe Azul



Fonte: a autora (2016).

No dia seguinte, quando as equipes estavam se posicionando no ginásio da escola para dar início à gincana, tive mais uma surpresa. A equipe laranja e a equipe azul optaram por não ocuparem seus lugares na arquibancada, uma vez que o ginásio não tem rampa para que Lírio e Margarida ficassem junto da equipe. Todos ficaram na quadra, cada equipe de um lado.

Durante o desfile das equipes e apresentação das bandeiras, bem como durante as provas da gincana nossos queridos protagonista participaram e ficaram felizes a cada ponto conquistado. Tinham orgulho de fazer parte das equipes. Eu perguntava Cravo qual é a tua cor? “azul”, ele respondia, “então me mostra onde está o Lírio na bandeira” e ele apontava feliz para a formiguinha cadeirante, enquanto isso Lírio admirava a bandeira.

Figura 11 - Lírio se vendo na bandeira da equipe Azul



Fonte: a autora (2016).

Figura 12 - Apresentação das bandeiras e grito de guerra da equipe azul.



Fonte: a autora.

Crisântemo e Girassol dançaram a música “um morto muito louco”¹⁰ na prova da dança e também deram o sangue correndo na prova do tênis, que consistia em encontrar seu tênis em uma pilha de outros, calçar e correr para que o próximo da fila fizesse o mesmo, ajudaram a equipe Roxa a conquistar a vitória. Copo de Leite foi fundamental para a equipe branca na prova de conhecimentos gerais. Na prova em que cada equipe deveria gravar uma versão do clipe Watch Me (Whip/Nae Nae)¹¹ do cantor Silentó nossos/as protagonistas também se destacaram. A abertura do clipe com o nome de copo de leite, bem como, sua participação no clipe mostraram o quanto ele era importante para a equipe branca. Lírio também foi destaque no clipe da equipe azul. O clipe iniciava com os/as estudantes segurando uma letra formando a expressão “*watch me*”, Lírio segurava o “W”, iniciando o título do clipe, mais tarde aparece na quadra com os/as demais alunos/as, com os braços e um sorriso aberto, um chapéu preto na cabeça e agitando um pom pom azul nas mãos no mesmo movimento dos colegas finaliza com chave de ouro sua participação nesta tarefa. Esta experiência nos mostra

¹⁰ A dança foi a mesma do clipe que consta no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=8-vlp1Xy40M>

¹¹ O clipe consta no youtube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=vjW8wmF5VWc>

que a inclusão na Escola João Gonçalves Pinheiro já é uma realidade. Ao final da gincana a Equipe azul me presenteou com a bandeira. Para mim este presente teve o mesmo valor de uma medalha de ouro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante minha trajetória como educadora tenho registrado momentos de aprendizado, realização, troca de experiência, amizade e renovação constante. Isso me leva à conclusão de que o processo educativo é dinâmico e nunca está pronto. Assim sendo, educadores/as e estudantes são seres em constante construção, nos construímos diariamente em nossas relações com o outro e com o meio em que estamos inseridos. Se o ato de aprender está relacionado às questões afetivas precisamos ir além dos conteúdos curriculares e trabalhar a valorização do ser humano. Foi exatamente o que fizemos neste projeto de intervenção ao proporcionar aos/às estudantes com deficiência a experiência de desafios, conquistas e aprendizados, valorizando o trabalho em equipe e a própria autonomia. Após a apresentação para a comunidade escolar identificamos um novo olhar para a capacidade de realização dos/as estudantes com deficiência. Sendo assim este trabalho foi além da proposta inicial, uma vez que contribuiu para diminuir ou erradicar o preconceito e a discriminação contra as pessoas com deficiência, ou com alguma limitação da unidade educativa.

A experiência aqui apresentada me trouxe muitas surpresas e descobertas não só a respeito da capacidade dos/as estudantes deficientes, mas também revelou minhas limitações, quebrou paradigmas, construiu saberes em torno da inclusão. Precisei trabalhar em equipe, com a professora de Artes, com os professores auxiliares, intérprete de libras e também com cada estudante participante deste projeto e isso me mostrou que um trabalho feito a muitas mãos é muito mais grandioso que um trabalho solitário. Cada participante deixou sua marca, sua criatividade, seu brilho.

O objetivo de mudar olhares foi alcançado, mas eu também mudei o meu olhar. Agora vejo as pessoas com deficiência da escola com capacidade de realização, tanto quanto as demais, desde que lhe sejam tiradas as barreiras que impedem essa realização.

Nesta etapa do trabalho posso concluir que a escola para tornar-se inclusiva precisa promover diálogo, reflexões e mudanças de comportamento para quebrar paradigmas tradicionais. Isso só será possível através de um trabalho contínuo e interdisciplinar. É preciso dar ênfase às leis e políticas públicas relacionadas à pessoa com deficiência na formação de professores, bem como trabalhar as temáticas da deficiência e da inclusão.

Durante nosso percurso para chegar até aqui vivenciamos desafios, aprendizagens em relação às dificuldades e conquistas dos/as nossos/as protagonistas, mas também em relação a nós mesmos. Espera-se que a partir daqui haja uma quebra do paradigma predominante na sociedade, aqui representada pela comunidade escolar de que estudantes com deficiência, ou com alguma limitação não conseguem nada. Ao contribuir para o empoderamento de estudantes com deficiência, este trabalho representa um passo inicial para que a inclusão se concretize de maneira efetiva e definitiva no ambiente escolar e quem sabe na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. **Etnografia na prática escolar**. Campinas: Papyrus. 14ª Ed. 2008.

BENTO, Franciele; MEN, Liliana. Teatro e Educação: uma relação a ser redesenhada. In: **IX congresso nacional de educação - EDUCERE - III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA**. 26 a 29 de out. de 2009. São Paulo.

BISCARO, BARBARA. Gênero, sexo e escuta na voz em performance Gender, sex and listening on the voice in performance. **Urdimento (UDESC)**, v. 1, p. 15-26, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.

_____. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. 4. ed., rev. e atual. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial. Brasília : Secretaria de Educação Especial, 2010. 73 p.

CORDEIRO, Mariana Prioli, SCOPONI, Renata de Souza; FERREIRA, Solange Leme; VIEIRA, Camila Mugnai. Deficiência e teatro: arte e conscientização. In: **Psicol. cienc. prof.**, v.27, n.1, p.148 -155, Mar. 2007.

DINIZ, Debora. O que é deficiência? São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELORS Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. SP: Cortez. Brasília: Unesco, MEC 1998.

FLORIANÓPOLIS, Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes curriculares para a educação básica da rede municipal de ensino de Florianópolis/SC**. Florianópolis, GGP solutions, 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/25_05_2015_13.21.19.a8cfbc1ba45502447185ee928a98ce06.pdf>. Acesso em: 01 de outubro de 2016

GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. A Inclusão de Estudantes com Deficiência nos Diferentes Níveis de Ensino: um desafio ético e político. In: GROSSI, Miriam Pillar [et al.]. **Especialização EaD em gênero e diversidade na escola : Livro V, Módulo V e VI**. Tubarão: Ed. Copiart, 2015. p.175 - 188.

KLEBA, Maria Elisabeth Kleba; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. In: **Saúde Soc.** São Paulo, n.4, v.18, p. 733-743, 2009.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez. 11ª ed. 2001.

MACHADO, Regina. **Acordais:fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. Florianópolis. In: **Revista Estudos Feministas.** p.635-655, 2012.

MELLO, Anahi Guedes de. **Por uma abordagem antropológica da deficiência: pessoa, corpo e subjetividade.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Florianópolis, 2009

MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. In: **Revista do programa de pós-graduação em ciências da UFRN,** v. 11, n. 2, p. 163 – 173, 2010.

MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. Inclusão escolar: o que dizem as políticas e as pesquisas?. In: Mendes, Geovana Mendonça Lunardi (org.); SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da (org.). **Educação, arte e inclusão: trajetórias de pesquisa.** 1ª ed. Florianópolis: ed. Da UDESC, p. 13 – 30, 2009.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. História, deficiência e educação especial. In: **Revista HISTEDBR On-line.** p. 1-7, 2004

Paulon, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. **Documento subsidiário à política de inclusão.** Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação esécoaç. 2005. 48 p.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. Apresentação. IN: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização ead em Gênero e diversidade na escola - Livro IV – Módulo IV.** Florianópolis: Copyart, 2015. p. 47- 62.

SANTOS, Catarina Amorim. Deficiência e feminismo interseccional. 2015. Disponível em: <<http://www.visibilidadecegosbrasil.com.br/artigos/deficiencia-e-feminismo-interseccional>> Acesso em: 20 de outubro de 2016.

SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos. O projeto Político Pedagógico, autonomia e gestão democrática. In: **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: A escola comum inclusiva**. Brasília: MEC, 2010. p. 11 – 17.

SCHAMBECK, Regina Finck. Aluno surdo na sala de aula de música: o olhar de professores que atuam no contexto inclusivo. In: Mendes, Geovana Mendonça Lunardi (org.); SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da (org.). **Educação, arte e inclusão: trajetórias de pesquisa**. 1ª ed. Florianópolis: ed. Da UDESC, 2009.p. 47 - 67.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca. A inclusão na fala do professor de Arte: recortes da cultura escolar. In: Mendes, Geovana Mendonça Lunardi (org.); SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da (org.). **Educação, arte e inclusão: trajetórias de pesquisa**. 1ª ed. Florianópolis: ed. Da UDESC, 2009, p. 31 - 46.

STINGHEN, Caroline. Capacidade Estimulada: Alunos de escola do Rio Tavares criam teatro com sombras para descobrir e mostrar seu potencial. **Jornal Hora de Santa Catarina**, p. 4, 14 de out. 2016. Disponível em:
<<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2016/10/criancas-com-deficiencias-apresentam-teatro-de-sombras-em-escola-de-florianopolis-7775893.html>>.
Acesso em: 14 de outubro de 2016.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: A escola comum inclusiva**. Brasília: MEC, 2010.

UNESCO. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990. 1998**. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2016.

Anexo 1 – Texto felicidade (autor desconhecido)

Oi, meu nome é FELICIDADE

Faço parte da vida daqueles que tem amigos, porque quem tem amigos é FELIZ !!!

Faço parte da vida daqueles que vivem cercados por pessoas como você, pois viver assim é ser Feliz!

Faço parte da vida daqueles que acreditam que:

Ontem é passado, amanhã é futuro,

HOJE é uma dádiva, e por isso é chamado PRESENTE

Faço parte da vida daqueles que acreditam na força do Amor, que acreditam que para uma história bonita não há ponto final.

Eu sou casada sabiam?

Sou casada com o TEMPO.

Há o meu marido é lindo! Ele é responsável pela resolução de todos os problemas.

Ele reconstrói corações, ele cura machucados, ele vence a Tristeza...

Juntos, eu e o TEMPO tivemos três filhos:

A AMIZADE,

a SABEDORIA

e o AMOR .

A AMIZADE é uma menina linda, sincera, alegre. Brilha como o sol. Une pessoas, pretende nunca ferir, sempre consolar.

A do meio é a SABEDORIA, culta, íntegra, sempre foi mais apegada ao Pai, o TEMPO.

A SABEDORIA e o TEMPO andam sempre juntos.

O caçula é o AMOR.

Ah! Como esse me dá trabalho!

É teimoso, às vezes decide encantar apenas um coração...

Eu vivo dizendo: AMOR, você foi feito para unir dois corações, e não infiltrar-se em apenas um.

O AMOR é complexo, mas é lindo, muito lindo!

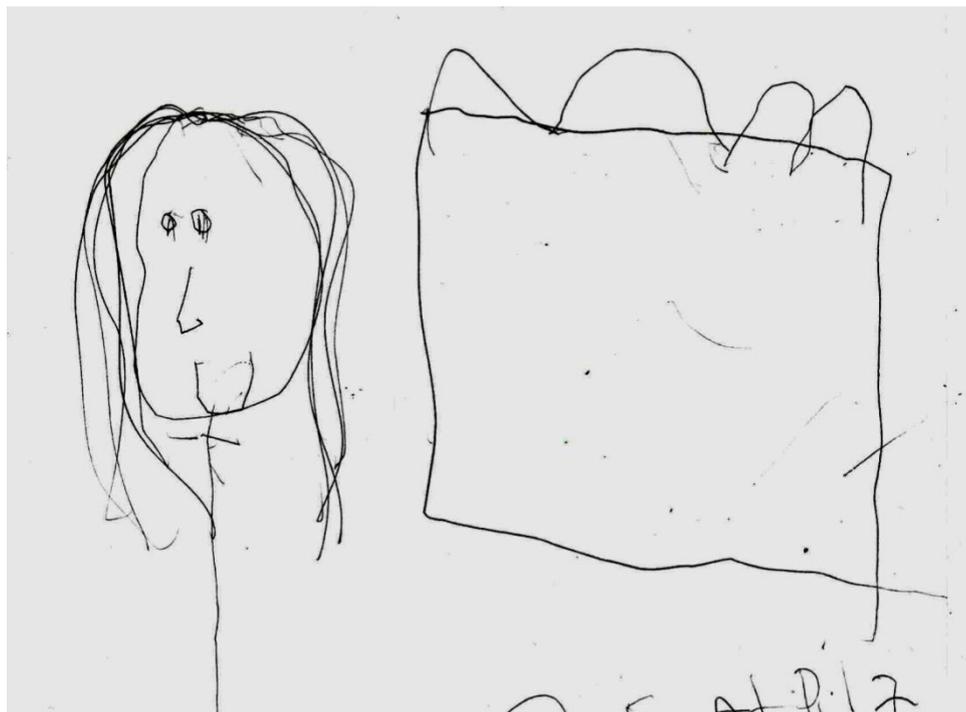
Quando ele começa a fazer estragos eu chamo logo o pai dele, o TEMPO, e aí o TEMPO sai fechando todas as feridas que o AMOR abriu!

Tudo no final sempre dá certo, se ainda, não deu, é porque não chegou ao final.

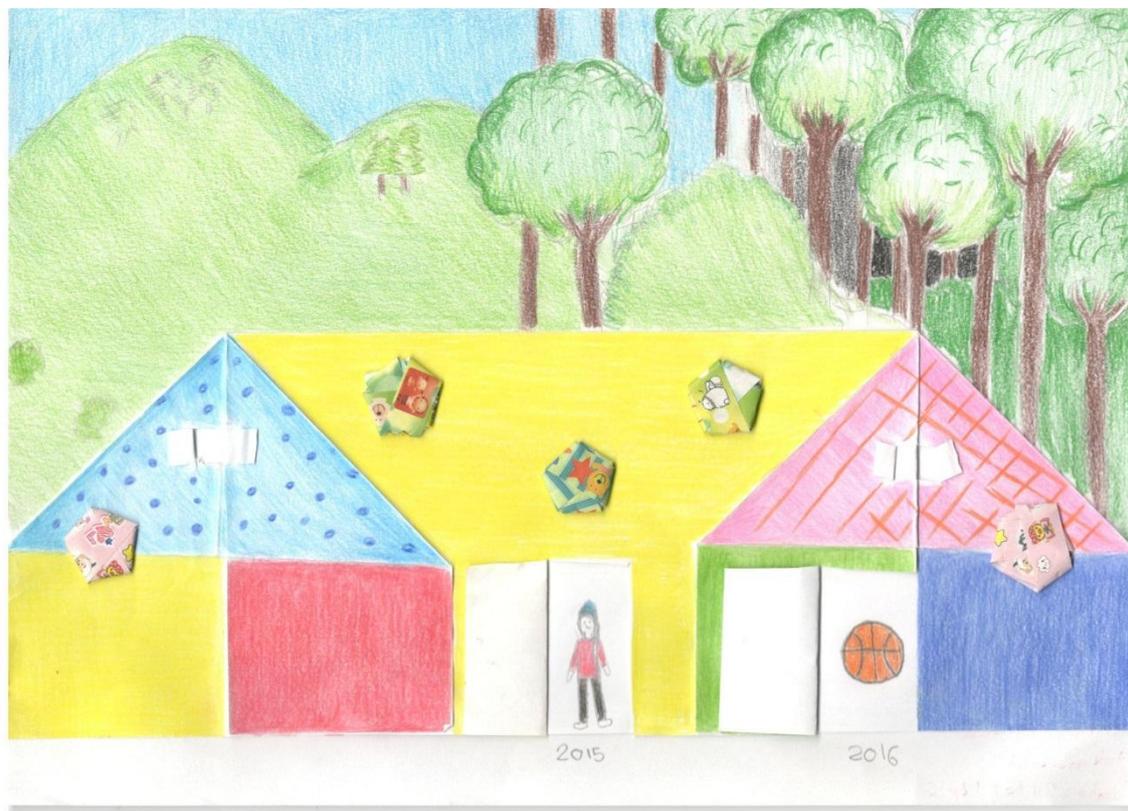
Por isso, acredite sempre na minha família.

Acredite no TEMPO, na AMIZADE, na SABEDORIA e, principalmente no AMOR. Aí quem sabe um dia, eu, a Felicidade baterei à sua porta.

Anexo 2 – Meta de Margarida para 2016



Anexo 3 – Uma das casas confeccionadas pelos estudantes da turma.



Anexo 4 – Casa feita por Rosa.

EU NÃO QUERO QUE ACONTEÇA MAIS
EM 2016 FOI CISMO, VIOLENCIA CONTRA
A MULHER CRIANÇA, IDOSO E ADOLESCENTE
TAMBÉM QUERO QUE ACABE O DESRESPEITO
FEITO CONTRA AS PESSOAS

R



Anexo 5 – Reportagem especial da revista It's teen edição de novembro – capa da revista.



Anexo 5.1 – Reportagem especial da revista It's teen edição de novembro.



O EMPODERAMENTO DOS NÃO VISTOS

Quando os deficientes deixam de ser espectadores e passam a ser atores

No auditório da *Escola Municipal João Gonçalves Pinheiro*, no Rio Tavares, a palavra inclusão deixa de ser teoria para se tornar prática. No palco, alunos que antes eram meros espectadores devido a alguma deficiência que, aparentemente, os limita, é deixada de lado. Porque no teatro de sombras “*A lenda das areias*”, a limitação fica restrita apenas aos olhos de quem vê.

Organizado pela professora de

ciências, *Elaine Seiffert*, 41, e pela professora de artes cênicas, *Júlia Fernandes Lacerda*, 30, os alunos passaram a ensaiar ao menos uma vez por semana no contraturno escolar, há cerca de dois meses, o primeiro teatro totalmente inclusivo da escola. “*O resultado foi surpreendente, porque eles criaram os personagens*”, relata *Elaine*, de quem partiu a iniciativa de produzir a peça para o trabalho de conclusão de curso da

pós-graduação de Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “*A sociedade, quando olha para uma pessoa deficiente, vê a limitação e acha que ela é incapaz. No teatro, eles se sentiram empoderados.*”

Para a escolha da história, as professoras deram preferência para aquela que fosse menos didática. “*Essa lenda conta, de uma forma mais poética, a história do rio que*

quer se transformar em algo para além do que ele é, e mostra todo o percurso dele, as dificuldades que encontra as barreiras no caminho para poder chegar e conhecer o mar que, para ele, é o máximo que pode ser”, descreve *Júlia*, mestre e graduada em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Anexo 5.2 – Continuação da matéria da revista It's teen.



Na escola, a voz de Cleiton Antunes é representada pelo intérprete de libras, Mike Diano.

Com o papel de representar o rio no teatro de sombras, **Cleiton Cesar Ribeiro Antunes**, 14, coleciona no currículo participações em série e peças de teatro. Aluno da oficina de animação, na UFSC, e estudante de teatro desde os dez anos, **Cleiton** deseja, quem sabe, seguir a profissão de ator. *“Eu acho muito importante que as pessoas deficientes participem, porque eu vejo que muitos os ridicularizam e os tratam com descaso e até com desprezo, às vezes”,* desabafa. *“Acham que não são inteligentes ou que eles não podem fazer algumas coisas, mas eu acredito que alguns demoram um pouco para aprender, mas eles podem aprender.”*

Surdo, **Cleiton** conta com o auxílio de **Mike Diano**, 37, professor intérprete de libras, para se comunicar. *“No meu caso, ele é como se fosse a minha voz. Ele ouve, vê e me diz o que está acontecendo, assim como ele fala o que eu estou dizendo para as outras pessoas”,* descreve o aluno. Para Mike, que acompanha Cleiton há cinco anos em todas as atividades dentro da escola, o teatro inclusivo levanta a autoestima dos alunos e faz com que eles sejam protagonistas. *“Eles podem fazer mais do que aquilo que alguém impõe.”*



O professor de libras Mike Diano, também foi o responsável por “traduzir” a peça apresentada pelos alunos.

Anexo 6 – Capa do Jornal Hora de Santa Catarina



Anexo 6.1 – Reportagem Jornal Hora de Santa Catarina

4
GERAL

HORA DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS, SEXTA-FEIRA, 14/10/2016

EDUCAÇÃO ESPECIAL

Capacidade ESTIMULADA

Alunos de escola do Rio Tavares criam teatro com sombras para descobrir e mostrar seu potencial

CAROLINE STINGHEN
caroline.stinghen@horasc.com.br

Com as cortinas fechadas, luzes apagadas e apenas um telão branco no meio do palco com um feixe de luz que incidia diretamente sobre ele, ganhavam vida personagens criados com sombras, interpretados por crianças especiais da Escola Municipal João Gonçalves Pinheiro, do Rio Tavares, em Florianópolis. A história "A Lenda das Areias" virou peça teatral através das mãos de alunos cadeirantes, com paralisia, surdos, e crianças com deficiência intelectual. Ontem, foi apresentada para os demais estudantes da escola com o objetivo de incluir, empoderar e mostrar às crianças que todos podem ser artistas e que são capazes de qualquer coisa.

O conto do rio que queria conhecer o mar e que se tornou um "ser de transformação", de Regina Machado, tinha tudo a ver com a realidade ali inserida. No abrir das cortinas para os aplausos, era possível perceber nas crianças e adolescentes a sensação de orgulho e de dever cumprido. O objetivo da professora de

Ciências, Elaine Seiffert – que idealizou a atividade para seu trabalho de conclusão de curso da pós-graduação de Gênero e Diversidade, na UFSC – foi atingido.

– A ideia era dar visibilidade ao potencial das crianças. A sociedade tem costume só de olhar para a limitação deles. Queríamos mostrar o protagonismo – disse a professora.

A escolha do teatro de sombras, explicou a educadora, ocorreu porque este tipo de dramatização estimula a imaginação do espectador e dá possibilidades de interação e aprendizagem aos alunos/atores.

Os estudantes trabalharam na produção da peça desde julho, com ensaios que ocorreram pelo menos uma vez por semana, no contraturno escolar. Eles mesmos criaram novos personagens para a história e confeccionaram animais como borboletas e peixes com material reciclável.

Os protagonistas, como animais, o rio e o vento; eram manipulados pelas próprias crianças em frente à luz que reproduzia as imagens no telão.

Beatriz Chagas, de 13 anos, estava visivelmente emocionada. A cadeira de rodas não intimidou: ela foi a personagem principal, justamente o rio. Sobre o que mais gostou, ela contou que se apresentar para os demais alunos da escola (eram cerca de 50 do auditório) foi muito importante.

– Se possível, quero continuar a

fazer teatro. Apresentar a peça foi a melhor coisa – revelou.

Cleiton César Ribeiro Antunes, de 14, é surdo e um dos mais experientes da equipe na arte dramática. Ele será um dos atores de um seriado chamado Crisálida, que está sendo produzido. Para o estudante, o teatro é uma grande oportunidade de mostrar a

capacidade de todas as crianças, seja qual for sua deficiência.

– Eu não me vejo como coitado. É possível realizar qualquer atividade tão bem quanto qualquer outra pessoa – avalia ele, que também é o único medalhista surdo das Olimpíadas de Matemática do país. Cleiton ganhou o bronze no mês passado.

Beatriz (direita) foi protagonista



INCLUSÃO na unidade

Toda a peça teatral dos alunos teve a colaboração do professor intérprete Mike Diano, que traduzia as falas e acontecimentos.

– Acabamos de passar por uma paralimpíada. É o momento para falarmos mais sobre inclusão, respeito, e valorizar a capacidade das pessoas com algum tipo de deficiência.

O palco, onde os alunos especiais se apresentaram, tinha rampa – mais acessível que muitos espaços públicos de grande circulação.

A escola do Rio Tavares também é polo de educação especial na região, onde alunos com deficiências realizam atividades no contraturno.

– Trabalhamos muito com jogos, pois estimulam o raciocínio – contou a professora da educação especial, Elisângela Munhoz.

“A ideia era dar visibilidade ao potencial das crianças”
Elaine Seiffert, professora

FOTOS: MARCO AMARAL

Anexo 7 – Reportagem Jornal Diário Catarinense

DC: MENU VOCÊ ESTÁ EM VIVIANE BEVILACQUA



Uma peça de teatro pra lá de especial

06/10/2016 - 11h45min - Atualizada em 06/10/2016 - 12h22min

COMPARTILHE:

- FACEBOOK 
- TWITTER 
- PLUS 
- POR EMAIL 



Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/viviane-bevilacqua/noticia/2016/10/uma-peca-de-teatro-para-la-de-especial-7689079.html>

Anexo 8 – Matéria da Secretaria Municipal de Educação sobre o Teatro de sombras.

05/10/2016

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EXIBEM TEATRO DE SOMBRAS

Grupo mostra potencial, inteligência e criatividade na Escola João Gonçalves Pinheiro

Tags: [curso](#), [educacao](#), [florianopolis](#), [prefeitura-de-florianopolis](#)



Professora Elaine (de camiseta azul agachada) e alunos - foto/divulgação: SME

Um rio que queria conhecer o mar. Ao resolver partir em busca de seu objetivo, encontrou obstáculos pelo caminho, precisou de uma boa dose de coragem para mudar. Ao final, quando já estava no mar, descobriu que era um ser em transformação.

A história 'A Lenda das Areias' virou peça teatral para que alunos com deficiência e com baixo rendimento escolar do estabelecimento municipal de ensino João Gonçalves Pinheiro,

no Rio Tavares, mostrem o potencial criativo deles. A ideia foi da professora de Ciências da unidade, Elaine Seiffert, que desenvolve na UFSC, sobre inclusão, um Trabalho de Conclusão de Curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade. Para a encenação, ela conta com o apoio da colega, da área de Artes Cênicas, Julia Fernandes Lacerda.

O teatro de sombras é uma arte antiga chinesa que consiste na manipulação de bonecos de varas, entre uma luz e uma tela. O que faz com que o público veja apenas a sombra dos bonecos.

O grupo de escola é composto por nove estudantes. Eles estão distribuídos entre o 3º, 4º, 5º, 7º, 8º e 9º ano. Há estudantes com deficiência intelectual, paralisia cerebral, surdez e baixo rendimento escolar.

A escolha do teatro de sombra se deu pelo encantamento que este tipo de dramatização produz ao aguçar a imaginação do expectador. Também foi fator determinante para a escolha deste tipo de teatro as possibilidades de interação e aprendizagem que esta prática permite, relata Elaine Seiffert.

'A Lenda das Areias' é um texto extraído do livro 'Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias', de Regina Machado, lançado em 2004. Durante o processo de construção do teatro de sombras a professora Julia Fernandes adaptou o texto para que ficasse mais fácil o encaixe da leitura às cenas apresentadas.

'Elas são muito capazes, sim'

De um universo de 630 matriculados na Escola João Gonçalves, 17 possuem alguma deficiência. Elaine quer dar mais visibilidade a essas crianças, muitas vezes taxadas pela sociedade como incapazes. "Elas são muito capazes, sim", sublinha.

Com o teatro, o grupo, na avaliação da professora, está mostrando muito potencial e inteligência. "São crianças poderosas", diz orgulhosa Elaine. "Nossa crianças do teatro são eficientes", complementa.

Todos são narradores e atores do teatro de sombras. Os personagens foram sugeridos e confeccionados pelos próprios estudantes utilizando material reciclável encontrado na escola. Criaram: o Rio, a Gotinha (que evapora), o Vento, a Nuvem, a chuva, os peixes, a montanha, o monte de areia.

Estreia e próximo espetáculo

A peça estreou recentemente no XI Ecofestival, da Secretaria Municipal de **Educação** "O papel da escola é garantir igualdade de direitos a todos e de valorizar as diferenças humanas", declara Elaine.

No próximo dia 13 de outubro, os "astros" voltam à cena. Será no período da tarde, às 13h30, na escola. Serão uma das atrações da gincana de integração na Semana da Criança. "Eles estão ansiosos esperando essa data", afirma a professora Elaine Seiffert.

Quem é Elaine

Elaine Seiffert é professora efetiva da rede municipal de **Florianópolis** desde 2006. Ela acredita que o ato de aprender está relacionado às questões afetivas, e, portanto, o educador precisa ir além dos conteúdos curriculares e trabalhar a valorização do ser humano.

Durante sua trajetória, criou o projeto Guardiões da Energia, no qual os alunos tornam-se multiplicadores da necessidade de economizar energia para colaborar com a sustentabilidade do planeta.

Todos os anos auxilia na mobilização na escola para o evento Hora do Planeta, que vai ao encontro deste projeto, que em 2012 recebeu o Prêmio Câmara de Educação Ambiental e a bandeira verde do Instituto Ambiental Ratoões.

Há quatro anos, participou do curso “Diversidade e Educação para as Relações Etnicorraciais, proporcionado pela Secretaria Municipal de Educação. “Essa atividade me proporcionou rever atitudes e repensar valores enquanto profissional da educação”, destaca. “Graças ao curso pude rever conceitos de desigualdades, os avanços em termos de valores adquiridos ao longo da História, e também os retrocessos”.

Elaine vê a escola como um ambiente heterogêneo, onde cada aluno traz a sua bagagem, sua história de vida e deve ser respeitado. “Por isso resolvi fazer a pós-graduação em Gênero e Diversidade na UFSC, embora eu já houvesse feito anteriormente uma pós em Educação Ambiental”.

Fonte: Prefeitura de Florianópolis

Disponível em:

<http://www.hashtagnoticias.com.br/noticia/2016/10/alunos-com-deficiencia-exibem-teatro-de-sombras/>

Anexo 9 – A lenda das Areias adaptada pela professora Julia Lacerda.

(Inicia com o narrador na frente do palco, falando para o público)

Todo mundo tem uma história pra contar. Uma história de alegrias, de vitórias, de conquistas ou mesmo de tristezas. E eu vou contar a história de um rio que um dia nasceu lá no alto de uma montanha! É Isso mesmo. Um rio, que quando ainda era pequeno, só um riachinho, já sabia o que queria: eu quero conhecer o mar.

(O narrador sai, e com uma trilha ao fundo de riacho, começa a narrativa)

Esse riacho logo foi descendo a montanha, olhando tudo o que via pelo caminho, muito curioso, e deixava um pouco de si em cada lugar que passava. E é assim na vida da gente. Vamos deixando um pouco de nós pelo caminho.

Muito tempo depois, o riacho chegou ao pé da montanha, e esbarrou em um monte de areia. Areia? Mas cadê o mar? Ele só via areia por tudo quanto é lado. E nada de mar. Era tanta areia, que até parecia um deserto! Então não tinha outro jeito! Ia ter que atravessar aquele deserto. Mas quanto mais força o riacho fazia, mais suas águas sumiam dentro das areias. E quando ele estava muito cansado, já pensando em desistir, uma voz, que parecia vir das areias, falou:

“Assim você nunca vai chegar ao mar. O jeito é pedir carona pro vento”.

Pedir carona pro vento? Mas como o vento ia fazer isso? Então a voz continuou:

“Primeiro, você se transforma em vapor e o vento carrega você em forma de nuvem. Depois, a nuvem vira chuva, e depois como chuva, você vai cair no mar”.

O riacho ficou com muito medo. Ele não queria arriscar ter que mudar completamente, fazer uma coisa que nunca tinha feito antes, sem saber se ia dar certo. E a voz continuou:

“Se você continuar fazendo só o que já sabe, sem arriscar, sem tentar, o máximo que vai acontecer com você, é virar lama: não vai mais sair do lugar e nem vai conhecer o mar”.

O rio ficou apavorado! Ele não queria virar lama, isso de jeito nenhum! Então ele pensou, pensou e resolveu arriscar! (som de vento, mostrando a transformação do riachinho: sendo levado pelo vento, transformado em nuvem, em gotas, e caindo ao mar)

Rio: Eu conheci o mar!!! Eu conheci o mar!!!

E o rio, além de conhecer o mar, que era o que ele mais queria na vida, aprendeu quem ele realmente era: um ser em transformação.